



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - UESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO/PPGE
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

ANA PAULA QUEIROZ DE ARAUJO SANTANA

ELIS CRISTINA FIAMENGUE

**HISTÓRIAS DE VIDA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO BARROSO-
CAMAMU-BAHIA**

ILHÉUS – BAHIA

2019

ANA PAULA QUEIROZ DE ARAUJO SANTANA

ELIS CRISTINA FIAMENGUE

**HISTÓRIAS DE VIDA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO BARROSO-
CAMAMU-BAHIA**

Produto Educacional da pesquisa **INTERLOCUÇÃO ENTRE OS SABERES DA COMUNIDADE DO BARROSO E A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA NO MUNICÍPIO DE CAMAMU-BA** apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação – PPGE - Formação de Professores da Educação Básica, da Universidade Estadual de Santa Cruz, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais.

ILHÉUS – BAHIA

2019

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
Ana Célia.....	5
Antonio Correia dos Santos.....	15
Cosmiana Bispo da Conceição.....	20
Delza Cruz Santos de Santana.....	25
Sr. Domingos.....	27
Ivanildo Pereira.....	33
Dona Maria das Graças.....	39
Rosalina Correia.....	43
REFERENCIAS.....	49

APRESENTAÇÃO

Este portfólio com as Histórias de vida de oito membros da Comunidade Quilombola do Barroso, situada no município de Camamu/Bahia é um dos resultados da pesquisa *Interlocação entre os Saberes da Comunidade do Barroso e a Educação Escolar Quilombola no Município de Camamu-Ba*.

A comunidade do Barroso possui atualmente (35) trinta e cinco famílias que estão representadas nas famílias: Bispo, Cruz, Docílio, Lúcio, Marques, Malta, Pereira e Santos. O processo de reconhecimento da comunidade como quilombola foi efetivada em 05 de março de 2008, juntamente com outras comunidades rurais de Camamu, que nesse período conseguiram oficialmente essa identidade étnica e seus direitos que dela fazem emergir.

A compreensão do lugar vivido pelos colaboradores da pesquisa foi a partir da coletânea de dados primários, sob a os olhares de alguns ilustres moradores da comunidade.

Foram necessários alguns meses para reunir esses dados, dessa forma, seguiu-se o calendário projetado para a pesquisa: entre o final do segundo semestre do ano de 2018 e o primeiro mês do ano de 2019. Porém, deve-se salientar a dificuldade que existe em acessar o espaço e essas pessoas, devido à geografia da região na qual está localizada a comunidade. As estradas em péssimas condições de trânsito e as temporadas de chuvas intermitentes deixaram também na memória do pesquisador o quanto as lutas desses sujeitos por melhores condições de vida ainda devem se prolongar.

Compreendendo que essas memórias são artefatos de história e que a memória individual demonstra um universo de valores, sentimentos e emoções que pertencem ao coletivo, dessa forma, percebeu-se que são discursos heterogêneos, com uma polifonia de vozes que permitem falar de suas lutas de resistência. Além de relatos sobre suas condições sociais que os levam à atualidade e a se autointitularem como uma comunidade remanescente quilombola.

Há várias possibilidades de olhares sobre essas histórias de vida, que as tornam singulares como registros delas para acessar esses percursos individuais de sujeitos históricos acolhidos em espaços que os colocam como seres criadores de sua própria história, apesar das possíveis determinações que os excluem de sua própria cidadania.

São histórias que contam as experiências dessas populações que estavam secundarizadas no processo de constituição da história nacional. E é por meio do campo de pesquisa da história oral que se revelam várias nuances da vida desses personagens reais. A pesquisadora Sônia Freitas traz a importância desse assentamento para a história dessas comunidades:

Mas a tradição oral não está presente apenas nas comunidades tidas como 'iletradas' ou tribais. Ela pode também ser identificada e resgatada em sociedades rurais e urbanas pela metodologia de História Oral. Por exemplo: as cantigas de rodas, brincadeiras e histórias infantis são transmitidas oralmente, de geração em geração. (FREITAS, 2006, p. 20)

Foi a pedido da presidente da associação comunitária do Barroso sobre a importância de efetivo registro da memória dos sujeitos da pesquisa, que se encaminharam essas oito histórias de vida para a comunidade, já que fazem parte da necessidade em tê-los para guarda na Casa de Memória Comunitária Daniel Docílio para referenciá-los no acervo como material de exposição para as futuras gerações.

Elas servirão para tornar mais perceptível o quanto os próprios indivíduos que estão na comunidade são valiosos e constituintes da história. A seguir, uma apresentação sumária de cada um deles, antes dos depoimentos que contam o que eles conseguiram responder da melhor forma possível sobre suas vidas e do que a pesquisa se propôs a fazer.

ANA CÉLIA

Ana Célia dos Santos Pereira – agricultora, tem 43 anos, militante do movimento negro quilombola, foi presidente da associação da comunidade rural do Barroso. Sua entrevista permeou por sua vida na comunidade, a história do reconhecimento e das lutas das comunidades rurais negras de Camamu, além das questões ligadas à educação quilombola.

Entrev. Então, hoje são 14 de novembro de 2018 e nós estamos aqui com a liderança da comunidade quilombola do Barroso Ana Célia dos Santos Pereira...Ana Célia Há quanto tempo você mora na comunidade do Barroso?

AC: há 35 anos que eu moro na comunidade, que eu não nasci ... nasci vizinho, até próximo ao Barroso, em Ibirapitanga, onde nasci, há 35 anos eu vim pra cá, minha família ela nunca teve terras, sempre viveu trabalhando em fazendas. Aí quando ele trabalhava em Fazenda desse mesmo rapaz onde a gente mora hoje, aí meu pai... saiu de lá e vem para cá então ele já trabalhava 50 anos nessa... com esse rapaz, que agora depois dos 30

anos ele abandonou a fazenda a gente mora até hoje, doou, além de tá no território quilombola, a nossa família hoje é proprietária dessa fazenda e onde é o quilombo e que nos acolheu. Cheguei pra aqui eu tinha 8 anos de idade.

Entrev: você como a liderança da comunidade do Barroso ...quais as responsabilidades de ser uma liderança?

AC: na verdade, é uma responsabilidade muito grande, né que às vezes muito difícil de ser assumida ,mas eu como liderança dentro do movimento, é uma pessoa que eu busco incentivar a comunidade, principalmente nas questões sociais, nas políticas públicas, de uma convivência harmoniosa, então é responsabilidade muito grande em cima de uma mulher no país ainda muito machista e que na comunidade é um dos problemas que a gente enfrenta muito para tá lidando, cuidando, orientando essas mulheres, embora cuidado em geral, que é uma das maiores dificuldades na Comunidade: o cuidado com a família e, eu como mulher é uma das questões que eu acho que é mais difícil de o que é é uma das situações mais vulnerável do quilombo, principalmente uma comunidade Rural então é um desafio muito grande.

Entrev. Vc falou em dificuldades...quais são as dificuldades de ser mulher e ser quilombola?

AC: uma das maiores dificuldades que eu acho que é o machismo numa comunidade quilombola, a gente vive, não sei como dizer... ainda onde vive o machismo muito forte de uma cultura, de uma tradição “escravatoria” principalmente que a gente sente que a mulher tem seu papel ou de outro para hoje a gente tentar dentro do conhecimento mudar essa realidade enfrentada dentro de uma dificuldade muito grande de ver se a mulher conseguiu seu direito e que as vezes a gente não encontra apoio nos órgãos públicos que deve tá apoiando eu acho que é a violência que ainda é grande nas comunidades tem, embora a gente tenha conquistado bastante espaço mas ainda existe.

Entrev. Quais os tipos de atividades desenvolvidas na comunidade do Barroso?

AC: uma das atividades foi o associativismo é um dos primeiros que veio dando origem a outro que o projeto de movimento de mulheres onde a gente trabalha com agregação de valores da cultura, produzindo doces e cocada tem também os mutirões que logo a gente começou... O primeiro mutirão da gente inventou alguma coisa ... um pretexto as mulheres se juntar, se organizar como forma de conhecimento, também foi um dos principais objetivos de formar um mutirão de homens, que eles se unem para trabalhar de forma coletiva e daí vem surgindo movimentos que a rede de mulher aqui do município de Camamu de faz parte, que vem fortalecendo reconhecimentos e enfrentamento da violência, de capacitação para mulheres na parte produtiva e na parte social do crescimento também. Tem outros movimentos como samba de roda que a gente faz apresenta a dentro e fora da Comunidade e o movimento religioso também que une muito que a Igreja Católica. Uma atividade que acontece todos os domingos e que é muito forte na comunidade.

Entrev. Qual é o padroeiro da comunidade?

AC: lá agente tem um protetor que é o divino Espírito Santo que a festa do Pentecostes

Entrev.é um fator de um agregação, de união da comunidade?

AC; foi tudo que iniciou esse movimento da comunidade, através do movimento católico foi a primeira atividade. Essa semana eu estava falando com minha mãe, quando a gente quando chegou na comunidade não tinha nada, se divertia só com samba que essa cultura muito forte ,mas sempre muito forte, que agora tá menor, mas foi o samba de roda que acontecia no período da Páscoa, no Natal, no São João, e com o movimento religioso fortalecia mais ainda, ai como a minha família conhecia, andava esse movimento em outros lugares, a gente começou a ter contato com o pessoal da Pimenteira que já trabalhava com o movimento das CEBS, dali a gente juntou com padres e freiras, abriu,

juntou que aí a gente ajudou a construir uma igrejinha era de tábuas depois foi construindo, a gente tem uma de construção, daí a gente tem grupo de jovens, catequese foi crescendo crescendo e até hoje é muito forte.

Entrev: quais as dificuldades encontradas pela comunidade do Barroso e termos de acesso aos serviços públicos?

AC: são muitos, um dos... mas eu digo que é difícil e usam sempre como desculpa, é o acesso, a estrada, né, a vista tá até melhorzinha, agora que de cascalho, mas é um dos principais sempre usam como desculpa, pra você tem acesso à saúde, bota desculpa na estrada é muito difícil, se é pra educação merenda chega atrasada, tudo por essa desculpa, mas eu acho que é essas dificuldades, e às vezes embora seja a comunidade existe pessoas muito incomodada que a gente precisa tá junto, lutando para conseguir sempre foi até melhor teve acesso à água embora os problemas que também sempre feita são os problemas que acontecem no sistema de água e aí depende de serviço público pra ir consertar, aí fica ouvindo não dá para ir para estrada. O médico era pra ir uma vez no mês lá, nunca mais foi, mas aí...

Entrev: onde é o posto de saúde lá?

AC: agente é atendido no Orojó, no PSF é muito difícil, até para as pessoas virem para cá, quando vem mesmo, já é em situação extrema que não tem como ficar.

Entrev: E vocês tem uma escola né é multisseriada?

AC: multisseriada.

Entrev: as crianças ficam até o quinto ano

AC: e depois do quinto ano tem que vir pra cidade, é uma outra dificuldade também. também tipo de transporte que essas crianças utilizam para chegar até aqui a sede, do transporte adequado, por exemplo domingo transporte de caminhão, que é um transporte inadequado de além disso completamente a lei do perigo e o comportamento das Crianças porque as crianças ficam em cima daquele caminhão sozinho motorista não tem acessos a essas crianças e aliás criança muda de comportamento sexualmente por outros tipos de criança que não vem só as crianças do Quilombo, enquanto está lá mesmo pelo número de criança à educação caminho certinho, a escola, família e comunidade trabalha junto mas quando passa para a cidade é sempre outra criança de outras comunidades E aí a coisa vai ficando mais difícil ainda.

Entrev: E você como é que pensa essa questão da identidade quilombola com a educação que é oferecida aqui na sede?

AC: foi como eu te falei... a criança, a gente consegue identificar, exemplo, de uma criança que estuda lá no colégio, ela tem um hábito, ela respeita o professor, quando ela chega aqui, ela já tem o seu comportamento de casa, mas vai mudando acho que vai ver do comportamento de outras crianças, já pensa diferente. Lá a criança chega da escola já chama o professor de tia, porque é aquilo que os pais ensinam, quando chega aqui ele pede a bênção, chega aqui, quando chega lá não pede a bênção, porque diz que é besteira é muita coisa que a gente ensina que quando chega o ano da criança tem que escolher, se pudesse não botava porque a criança muda comportamento A gente precisa ver se é o ensino, se é o comportamento, porque a criança muda completamente, não tem nada a ver eu acho o tratamento é muita coisa que o que a gente acredita que ensina na escola aí todo último ano da criança vem para cidade tem pai que diz que não botava, e a gente tem que sabe se é o ensino, se é o convívio com outras crianças o que é que as crianças muda completamente, os meus mesmos eu vim estudar começou vir para a escola em 2002, que teve transporte a gente não estudava, estudava até quarta série.

E a gente ficava repetindo repetindo. eu fui para escola primeira vez, eu tinha 14 anos, a gente vivia de fazenda de filho de quem trabalhava, não tinha acesso à escola realidade que parece até que tem quantos anos não foi uma coisa bem para mim aí depois é feito eu

não tive acesso à escola tinha 14 anos no Barroso quando abriu a escola do Barroso escola e aí quando vim para Cidade estudar, meu filhos também vieram então ele estudou e não sentir essa mudança de comportamento porque eu sempre fui aquela aluna que eu gostava muito grêmio estudantil na época eu fazia parte desse movimento, a turma toda não sentiu isso. Mais tarde hoje a família sempre reclama que tem criança esse ano mesmo tem duas criança que desistiu de estudar aqui no colégio aqui em Campo. ainda não vi que eu fiquei até de mim porque eu tô fazendo um curso de formação para de proteção à criança recente e eu tenho que ir no colégio para saber o motivo que essas crianças não quiseram vir mais dois adolescentes ele tava tentando várias formas de *bullying* e que foi acabou brigando dentro do colégio e que teve que sair da escola porque as crianças queriam acabar com ele na escola ainda ,mas eu vou ter que vim para saber o que aconteceu isso tem outras crianças que não é do Barroso também desistiu da escola aí a gente precisa identificar o que leva as crianças esse outro só se você foi entrevistado as crianças agora eu tô fazendo trabalho para Flávia Valadares quando eu vou falar o que fazer essa entrevista quando criança quando sai de lá para vim como essa forma agora que tá começando o trabalho investigar: O que é que ocorre que as crianças, não se sente bem muda de comportamento, porque eu sempre falo os pais escola, eles vão para escola tem pai que falou que nunca foi...nem no colégio do Travessão, disse que se sentiu muito mal atendida, disse que se sentiu mal com o pessoal da secretaria, então não sei se é isso que se sente... lá na escola eles estão muito presente. As crianças me chama de tia o tempo todo mundo lá, lá quem é mais idoso é avo e quando passa para a cidade ele não leva isso... eu creio que tem que investigar.

Entrev.você aí no caso você se sente “porta-voz” dessas famílias, aqui na sede...

AC; às vezes pelo movimento da educação, faço parte do Fórum de educação.

Entrev. O que que mudou na vida da comunidade do Barroso após a certificação em 2008?

AC: Eu achei que fortaleceu porque a gente passou a se reconhecer, a conhecer o que é ser quilombola e a se dá tem valor porque a gente se achava acreditava no que dizia que não éramos gente, que não sabia de nada e a partir da identificação veio cursos e capacitações e começou a entender o que é ser quilombola, se valorizar como negro. Aí veio os cursos, A gente não tinha acesso à internet, a água e luz nada disso. Tudo isso se deu a partir desse momento, desse, a gente não sabia o que eram os projetos sociais programa do governo, que era direito nosso. A gente não sabia e a partir desse momento, a gente vivia lá como qualquer coisa, porque ninguém tinha falo* a partir desse momento começou a ter conhecimento, acesso a políticas públicas depois da certificação, a gente já tinha uma associação que a gente pensava de ouvir ,mas uniu a comunidade , a ter força desse reconhecimento se auto reconhecer , como negro, como quilombola, uma pessoa de direitos , ai veio facilitando, Porque a partir daí também começou essas políticas é que às vezes a pessoa que é contra, esse programa esse apoio da Fundação Cultural Palmares, mais sobre essa prioridade é prioridade, dessa reparação de direito do governo que vem facilitando também e além disso é muito curso . Eu nem sei, a partir daí eu nem sei contar quantos certificados eu tenho de curso de formação, tanto eu, como seu Antônio, para a gente estar se aprimorando dessas políticas e mudou muita coisa tanto da União, como conhecimento e fortalecimento dos movimentos sociais, como da comunidade e falta mais apoio da escola para preparar essas crianças e jovens nesse empoderamento. Mas, tá melhorando

Entrev:você falou na questão das dificuldades do desenraizamento da criança quando vem aqui para sede... voltando à questão mais estrutural, como é a assistência em relação a secretaria de educação com relação a escola do Barroso?

AC: ei, é uma pessoa de gestão né, tem época que dá uma melhorada tem ano que tem, ano que não tem, sempre foi muito difícil, para você ter ideia ... o planejamento quando

você conversar com professor ele vai te falar é tudo junto, no núcleo, é por núcleo, e a escola de lá só tem uma comunidade quilombola, eles faz pouco caso, não falam nada, não incentivam o trabalho do professor voltado para essa comunidade, ele faz, as vezes eu sempre ajudando e assim “lembra que tem que entrar com nossa questão quilombola trabalhar mais com nossas raízes, o que é daqui mesmo a originalidade da comunidade mas não por incentivo. E a secretaria aquela coisa, pelo menos eu acho que deu uma melhoria nos últimos anos deles deixar ter uma secretária, uma pessoa que trabalha só essa questão. Mas eu vejo ser um pouco limitada, a coordenadora só tem um transporte uma vez no ano, não sei se é por falta de interesse, mas eu vejo muito pouca.

Entrev. No caso ...o Barroso tem próximo o Varjão que que não é quilombola, ...mas tem Abobora... e Ronco...

AC: Varjão, Lameiro e Bolacha que fica no meio. Abobora e Ronco que...

Entrev. Mas tem Abóbora que é quilombola... Abóbora e Ronco, você... como é que como é que ver essa questão ...voltando... são comunidades quilombolas que podem estar discutindo essa questão do currículo da educação quilombola, não é feito esse tipo de interação?

AC: Não, que sempre, desde do início, que foi criado o Fórum permanente de educação escolar quilombola, teve essa ideia ter um núcleo só quilombola, , mas nessa foi a ideia de discutir comunidade quilombola com comunidade quilombola, essa foi ideia de início, porque seria mais fácil, trabalha com quilombo e não, tem que fazer dois processos, é para um para outra aí ela fica usando desculpa desculpa então a gente pensava fazer um núcleo quem ficava mais próximo: Barroso, Ronco e Acaraí que fica mais próximo e Pimenteira. Tem outro cá na Baía de Camamu, facilitar quilombo com quilombo se dialogasse, mas não foi possível chegar, já pensou com a Leila que é a coordenadora de pensar nessa ideia, mas...

Entrev. O núcleo de vocês é atendido por Travessão?

AC; Sim, travessão, sim

Entev.no caso como são comunidades rurais não tem essa de intercessão de conhecimento entre Campo e Quilombola?

AC; deveria, acho que é do meu pouco conhecimento de educação do campo é quase bem parecida, eu fico observando é uma resistência tão grande dessa questão quilombola, porque às vezes a gente ver os comentários quando você fala “quilombo”, para o conceito do pensamento, do preconceito só vem assim “Candomblé”, mas a gente sabe que as religiões de matriz africana sofre muito com preconceito, e eu vejo quando você fala quilombo a primeira ideia que vem à mente é Candomblé.

Entrev. Mas, você acha isso?

AC: para você ter uma ideia, na minha comunidade quem passa de fora, vendedor ambulante, mascates, que a gente chama assim... eles não chegavam na minha casa porque dizia que é a casa de terreiro que, às vezes, eu gosto de usar o torso, eu gosto muito de plantas. Tu não foi na minha casa não, né? Parece um terreiro e eu não sei por que eles tem aquilo que eu sou do candomblé, e eu não sou do candomblé.

Eu não ligo não, para você, você está me comparando muito bem, pelo menos não é ruim. Aí uma vez ... passou na casa da minha sogra, minha sogra não tava, aí eu comecei a conversar. Pergunta para minhas irmãs, eu tenho irmã que mora fora.” Ah, aquela mulher, diz que bate tambor. “Não, ela é minha irmã, Não é de terreiro? Ah, quando chega, lá, pra mim, ela é de terreiro.Eu penso que esse é o preconceito, aí eu vejo eu penso que é e a maioria das coordenadoras que passou no núcleo, quase todos são evangélicas. E eu já discutir com uma coordenadora uma época porque ela dizia: não basta ser samba no pé para dizer quilombola, aí eu dizia: não é porque tenho samba no pé, é porque é um quilombo mesmo, aí ficou... e sempre essa resistência.

Agora mesmo... “Ah, Tita, eu esqueci que aqui era quilombola, vamos fazer o que para consciência negra. Sabia que ia fazer a festa...e agora? Já tá tudo feito, só foi apresentar projeto, vai ter a festa da Consciência negra, se a gente não fala, nem ia saber, embora simplesmente um dia que vai ter que falar ali e pronto. Não ver essa questão do quilombo, que essa festa tem que ser mais forte, né? Tem que ter aula, falando, relembrando, comemorando esse dia, mas para eles não, é como se fosse uma data qualquer. Eu não consigo entender, nunca cheguei assim de conversa, ela sempre se...”

Entrev. São comunidades próximas, né isso não... não há não há distância entre... uma diferença....

AC: não há uma diferença entre a forma de vida de uma pra outra, dá para trabalhar tranquilo. E até a educação do campo dá para se trabalhar pelo que eu vejo, que ela discute, a mesma coisa, muda algumas coisinhas assim,

Entrev: e o fator étnico?

AC: e eu vejo que eles se dedicam mais fácil quando fala na Educação do campo do que quando fala de Quilombo. Eles não se interessa em estudar.

Entrev: você acredita que que o currículo do campo é feito também?

AC: eu já vi, faz que eu vejo para algumas que posta e dentro do daquele cronograma pedagógico entrega para o professor, fala da educação do campo, entrega apostila falando algumas ideias, tirada da Educação do campo, mas nunca falando do quilombo. E às vezes, a Leila que é a coordenadora da secretaria manda alguma coisa para mim e ela nem para o professor passa e ela participa da formação que é feita aqui em Camamu que ela faz no geral, ela quando chega lá, não passa nada.

Entrev. Mas a comunidade já teve um terreiro?

AC: Já teve, mas hoje não tem.

Entrev. Por que?

Ac: quando a gente pesquisa, e Ana Gualberto pesquisou lá, o povo é muito tímido pra falar de suas histórias, do que aconteceu, porque que isso aconteceu, mas eu acho que é devido a muito preconceito. Teve pessoas que foram presas, morrem e não fala que tinha um terreiro. Teve um Roque, frequentava muito as comunidades vizinhas, aí eles viajavam, tinha um caruru, tinha festa que saia todo mundo, saia pra festa. Agora lá dentro disse que já teve há muitos anos.

Entrev. Aí agora um templo religioso católico, tem algum templo religioso evangélico?

AC: Graças a Deus não, se você que faz parte lá só tem duas pessoas evangélicas, que frequenta outra comunidade.

Entrev. Você falou na questão das CEBS, que são as comunidades eclesiais de base...

AC. Isso...

Entrev: ajudaram no processo de construção da identidade local de vocês... e quais foram (aqui é uma pergunta) e quais as outras instituições ou não que ajudaram vocês, os outros grupos de ajudaram vocês nesse processo de auto reconhecimento institucional?

AC: como as CEBS não, como quilombo não, a gente não tinha esse conceito de quilombola ainda não, a gente começou com as CEBS no processo religioso, como da Juventude da cultura que foi muito forte...agora não tinha essa ideia de quilombo. Foi no processo de valorização da comunidade, de organização social. Já no processo de quilombo foi o Koinonia e o sindicato aqui dos trabalhadores foi porque a gente conheceu. Quando veio essa discussão de quilombo veio uma coisa de baixo para cima, de cima para baixo na verdade. Foi uma época o prefeito daqui foi para Salvador, que ele se interessou que iria falar dessa questão, que viria mais verba para o município, essa foi a ideia e muitas comunidades se auto reconheceram visando essa questão sobre projeto diz que viria para as comunidades e para município. E aí o sindicato se interessou e disse: “a gente precisa ter consciência e compreensão do que é ser quilombola podemos dizer que é

quilombola”. Foi quando ele nos apresentou o Koinonia que é uma entidade ecumênica que tem no Rio de Janeiro e a partir daí eles criaram o escritório no.. em Salvador. Que começou atuar na formação de conhecimento desse conceito, do que é ser quilombola, o que de fato contato da história, que aí veio fortalecer, foi uma das primeiras entidades que aqui nos ajudou que foi o sindicato e o koinonia, que até hoje que vem nos ajudando, depois vem o governo do Estado, CDA e INCRA que vem fazendo esse processo de regularização, que é a documentação.

Entrev: é, eu gostaria que você falasse um pouco das tradições da comunidade como é que vocês fazem para para isso perseverar...

AC: embora tá muito difícil, eu digo que é o preconceito, a vergonha, mas o samba de roda, as ladainha, que quando você fala em samba de roda, você lembra da ladainha, cultura muito antiga, era juntar um religioso cultural que era aquela ladainha para o Santos Lá é muito comum... Bom Jesus da Lapa, Santa Luzia e Cosme Damião, aí tinha essa festa, depois da reza que era a ladainha, depende como chama e aí tinha o samba de roda começar com uma brincadeira de roda com criança e que virava uma festa de dois, três dias, e o samba lá era tão enraizado que a pessoa fazia samba pra derrubar uma mata, fazer roçado, pra tapar uma casa, tinha samba, tudo que você for fazer para fazer era um samba era festa, era festa mesmo. E hoje a gente faz ainda, a gente vai fazer agora na consciência negra, mas a ladainha nunca mais aconteceu, quem fazia era Leide, depois ela adoeceu, e as ladainhas foi se perdendo, ano passado teve um pouco, uma pessoa teve uma promessa daquelas fazer a festa tá se perdendo muito tempo, até por falta da pessoa para rezar, de um rezador que era da comunidade do Lameiro, e aí não rezou mais, virou evangélico. Meu pai rezava, mas não reza mais, aí tá se perdendo, alguém que queira. Eu até me atrevi, mas não tenho muito paciência não, com esse negócio de rezar (risos). Já o samba hoje quando vai ter uma festinha, a gente faz na escola e quando tem apresentação mas ainda é difícil, a gente vem tentando inserido na escola pra que a gente não perca, porque os jovens as vezes tem vergonha quando tem apresentação na cidade, ele sente que os outros do colégio tá zombando e é uma questão muito difícil, o preconceito é muito grande ainda quando você brinca: vai sambar, ah é porque é do candomblé e isso parece ser uma ofensa, porque eu sou católica desde criança e sempre tive esse conceito de catolicismo, mas eu aprendi a respeitar muito e não vejo no candomblé, porque isso, mas isso que colocaram na mente da gente, que candomblé é coisa do demônio. Então, o jovem ainda tem muita vergonha de sambar. Lá tem uns jovens que sambava muito e hoje sente vergonha de sambar. Mas, mesmo assim a gente traz na festa de São João, a gente já veio duas vezes para Camamu, apresentar. As crianças se identificam melhor que a juventude, principalmente quando vem para cidade. Quando eles estão no quarto ano, a gente faz grupo para sambar, quando eles crescem já não querem mais. Então, eu digo que isso é desconstruído quando chegam aqui.

Entrev: além do Samba tem outra outra tradição, outro fazer, outro saber, que você pode tá lembrando que se perdeu ou que...

AC: a gente tinha o reisado, saía cantando de casa em casa, que isso se perdeu que era muito bom. Hoje a culinária sempre foi mais forte lá, a gente vê, substituindo o que era cultural, até o saudável pelo industrializado, que era muito forte culinária e que hoje está se perdendo. A pesca a caça, as moquecas de mamão, a taioba, muita gente ainda faz, mas visto... eu tava discutindo com uma professora vizinha que quando chegou as coisas do PNAE, ela: “ah, porcaria, eu já estou enjoada...” eu falei: O que é que você tá falando? como você mora na roça sabe a importância que tem pra achar que é porcaria? A comida que vem do PNAE, pra mim é uma grandeza saber que tá mudando um pouco né, que não é 100%, nem 50% mas, que pelo menos tá chegando, e chamar de porcaria, nunca fale isso nem pra suas crianças, então a gente ver que é uma cultura, além de saudável, você

tá valorizando o que é seu, e ver alguém chamando de porcária, temos que desconstruir, a gente sabe que a mídia tá aí, que vende e fala que mais gostoso é o que vem de fora, e o que a gente já tem dentro da comunidade.

Entrev. Quais são os projetos que são desenvolvidos pela comunidade atualmente?

AC: hoje, eu digo, nós temos um projeto do Bahia produtiva, é, como eu te falei, começou... um mutirão no quintal para melhorar a alimentação da comunidade dali a gente que foi aprendendo, fazendo o curso de aprender a construir, hoje, com fé em Deus, nós vamos ter uma cozinha industrial, que a gente fez da associação, pra gente vim melhorar a produção, embora a gente tinha feito cozinha fazendo, mesmo assim a gente trabalha vendendo para o mercado, junto com o SASOP vender essa produção que a gente tem e o outro projeto que está em andamento é só o da cozinha produtiva.

Entrev. Esse projeto do Bahia produtiva tem raízes com a comunidade?

AC: com a comunidade que quis agregar valores como por exemplo pode falar o que a gente acha que o que a gente produz é porcária, você ficou comentando dia do mesmo jeito aí ele fez aprender, criar receita de daquilo que ele já tem, e aí, isso foi crescendo que a gente começou a comercializar, desse comércio, sentiu a necessidade de fazer essa cozinha para preparar desses produtos: que é a cocada, o doce, matéria-primas de produtos da produção do cacau, da farinha que é derivado da mandioca, do cupuaçu, da goiaba, da manga, tudo que tem que agregar valores a nossa cultura.

Entrev. Vocês têm na comunidade...

AC: tem na comunidade, da banana, da manga, então tem a ver sim com a comunidade.

Entrev. Me fale: qual é história da comunidade do Barroso...

AC: na verdade a história da comunidade do Barroso é até comprida, segundo os mais velhos contam que há mais de 200 anos que a gente tem...eu falo assim há mais de duzentos anos porque até 200 são os objetos que a gente tem no museu de 200 anos, de até 200 anos que a gente consegue reconhecer...pelo objeto encontrado, mas com certeza muito mais de 200 anos. As primeiras pessoas... Foi quando surgiu que aqui foi um grande Centro de escravos aqui em Camamu, aqui no Acaraí, por estar distante do mar e aí muita gente fugiu, quando surgiu a lei que libertou os escravos eles fugiram mata adentro e foram parar, na verdade, no Varjão que é próximo do Barroso. E essas pessoas lá começaram a povoar, formaram um quilombo, que depois descobriram, eu acho que eles começaram a plantar cana, café e mandioca, várias coisas com o tempo eles descobriram que a terra muito boa, aquela terra do Varjão, eles produz sem usar nenhum tipo de adubo, porque a terra é muito boa, Descobriram que a terra era muito boa, chegando no Acaraí aí comprar alguma coisa que não tinha como, por exemplo a cachaça e o querosene era coisa que eles não sabiam fazer café e trocar por querosene e a cachaça que era feita em Camamu. E aí de lá foram descobrindo, ia mais gente, sempre levava mais um, né, foi levando e foi crescendo e os fazendeiros descobriram que a terra era boa para cacau, foi quando o cacau começou a crescer aqui na Bahia e tomou todas as terras de novo desse povo, e começou a trabalhar novamente como escravos no cacau, tanto é que se você vê se a gente for contar, muita gente trabalhou, perderam suas terras trabalharam de graça e não sabia o que é meio que na cidade comprar nada. Então, eu digo que era um trabalho escravo de novo, e falavam “não tinha como ter mais como escravidão”, tinha porque como você trabalhou tinha suas terras e perdeu para o fazendeiro. E continuou trabalhando sem receber nada, era trabalho escravo, mas muita gente acha que não era mais trabalho escravo, aí ele levavam coisas daqui de Camamu, que ele não tinham lá, eles trocavam, tanto é que as panelas lá eram de barro, tanto é essas pessoas perderam suas terras, das dívidas das vendas que abriram lá, minha sogra mesmo, a gente conversava, do Barroso até o Lameiro era todo deles. Oxe e por que perdeu? Não sabe e hoje são fazendas, de grandes fazendeiros que tá até largada, mas aí quando foi com a

praga da vassoura de bruxa que as fazendas foram perdendo, eles tiveram enquanto eles foram perdendo suas terras, a única solução foi vim para o Barroso, que o nome Barroso quer dizer “Terra ruim”, não prestava para nada, aí foi a única solução que tiveram para eles foi vim sobre morar aqui, eles já tinham perdido as terras do Varjão. Ai foi quando esse povo se uniu e disse, vamos nos juntar aqui e ver no que vai dá, formou um quilombo ali, todos que foram expulsos, da fazenda do varjão, ai vieram para cá. Só minha sogra e outras pessoas que nasceram no Barroso mesmo, mas trabalhavam na fazenda lá, eles tinham um pedacinho lá que era também que já era da família da avó dela, aí perderam e vieram para o Barroso, se juntaram ali, foi onde começou também esse movimento para buscar uma forma de sobrevivência, que a gente achava que todo mundo ia morrer de fome porque não tinha mais cacau, os fazendeiros não podia pagar nem mais pra trocar dia, todo mundo vai morrer, tanto é que a gente diz que a vassoura de bruxa para gente não foi uma praga, foi uma benção porque a gente aprendeu a trabalhar sozinho ninguém vai morrer não, muita gente foi embora pra Salvador, pra Camamu... eu mesma, eu era criança a gente ia pescar aquele gajezinho, aqueles “Caranguejinho de Agua doce”, a gente assava, plantando (inaudível), aipim...minha mãe, quando a mulher ganhava neném a gente ia fazer as coisas, cuidar, eu pequeninha saía com uma trouxa de roupas com as mulheres, as mulheres saía, não tinha nada pra comer, dava meio-dia, já na minha casa sempre, que meu pai trabalhou sempre pagou salário, já com a praga da vassoura de bruxa, que ele abandonou, a gente mesmo, eu nunca passei fome, mas a gente dividia com quem passava, ia na casa, meio-dia não tem nada pra comer e as mulheres saía e deixava tomando conta das crianças, eu inventava, pegava coentro, aqueles tomatinhos miúdo, cozinhava e fazia uma escaldado e comia todo mundo, com aquilo eu comecei com 12 anos a participar da pastoral da criança e a gente foi aprendendo, chamada de comida alternativa. Engraçado que eles tinha, sabia fazer, mas achava que não era coisa importante. E daí a gente foi aprendendo, e daí as coisas veio melhorando, 2009, 2010, além do conhecimento, eu vejo que teve um governo que deu oportunidade, como a gente era, as coisas mudou, melhorou pra você saber o que é ter uma casa, ter um móvel dentro de casa, isso foi em 2009, 2010 pra cá, ninguém tinha nada, era casa de taipa, ninguém ia para escola, era aquele negócio muito escuro, e foi ... isso durou muitos anos.

Entrev. São 20 famílias?

AC: hoje 35 famílias, 35..

Entrev. Moram em casa de alvenaria ou ainda existente...casas precárias

AC: ainda existe algumas de tabuas, 4 famílias, se não me engano ... a maioria é de alvenaria. Eu sou uma defensora do Bolsa Família tudo isso graças ao Bolsa Família porque veio a gente teve produto do PAA que a gente foi abraçando esses projetos e que deu oportunidade de casa de alvenaria, hoje nós 4 famílias de...o resto é de alvenaria.

Entrev. os antigos da comunidade participaram de algum algum movimento social?

AC:era aqui só Sr. Antônio que era daqui do sindicato que já faz 40 anos, que ele começou há 40 anos também o sindicato faz 42 anos, mas o resto eu nunca ouvi falar ter participado de nada.

Entrev. vocês têm um museu...

AC.. é.. ahan

Entrev. Um museu é um espaço pedagógico tanto para criança, como para jovem, quanto para adulto. Como é a questão do museu como é que ele é usada na comunidade?

AC: esse museu é usado como um acervo histórico para guardar a história da comunidade você vai ter oportunidade de ir lá, conta até a história de Camamu. Se você ver pelos objetos que tem lá que começou tudo aqui, levando daqui para lá e hoje às vezes a gente recebe visita de estudantes também, que vão para pesquisar e as que não conhecem esses objetos antigos que passa a conhecer saber como viveu o povo antes, como era de ferro,

de, de barro, de alumínio, de madeira e várias outras coisas, na verdade é uma história da construção do país, chega lá vai ver os objetos que a gente tem. Eu sempre fui uma pessoa que gostei muito de história e perguntei o que era, aí eu começava a juntar, “o que é isso?” ah, tu me dá, pegava no lixo, jogavam. Aí eu levava para minha casa, lavava, pintava, pra poder tirar a tinta, chegou um tempo que o povo dizia: “menina, tua casa parece um museu.” Ah, eu não vou jogar fora não, isso aqui é muito bonito. E começava... E depois o seu Antônio, viu eu contando essa história, ele se interessou, a esposa dele. “Essa casa deveria dar uma coisa muito bonita, eu gostei muito da casa”, ele doou para a comunidade, nessa ideia, com documento registrado em cartório pra se formar um museu. Aí eu comecei, as pessoas foram trazendo coisas “eu tenho isso vou trazer isso para Ana, vou trazer isso pra tu”, e outro, e outro, a gente quase não tem mais espaço pra botar tanta coisa, até de Camamu, teve gente que levou coisa pra lá. Deve ter uns três objetos, um foi os estudantes que levou e gostou, uma avó ia jogar coisa no mato, que foi fita de cassete, tem televisão, aí foi trazendo e foi botando lá’.

Entrev. As peças é... você colaborou com a ideia.

AC: isso.

Entrev. A comunidade abraçou?

AC; abraçou, hoje todo mundo que tem o maior carinho.

Entrev. Doaram peças?

Ac; Doaram, todo mundo, tudo que tem lá, muitos foram pra o lixo pegar. Ah, eu tinha tal coisa, eu joguei no mato, eu não sabia. Hoje não, tudo que eles tem antigo, quer mandar pra lá. Aí todo mundo que tem, manda.

Entrev. Qual é a relação do museu com a escola?

AC: é um espaço, como você falou, pedagógico a gente leva as Crianças, visita.

Entrev. Ele também adiciona na escola?

AC: mesmo porque as crianças de lá, vai sempre lá, tem criança quando eu ver eu passar, as crianças que moram perto, vai tudo comigo, elas sabem. Tinha um vizinho lá, que agora tá na Barra, ele sabe contar tudo, de quem é, de quem não é, eles participam. Os de fora que mora nas comunidades vizinhas que a gente leva.

Entrev. Bem depois de toda essa história bonita de vocês, eu queria, assim de ter ouvido né. Eu queria que você falasse o que é ser quilombola?

AC: ser quilombola pra mim é muito bom. E dentro do conhecimento, que eu me sinto parte de uma construção, embora a gente vê que as vezes quando o povo fala em Quilombo, lembra escravo também, que é só falar em consciência negra é escravo, a gente é uma história triste por saber que fomos escravizados, mas que ao mesmo tempo a gente se torna parte de uma construção, eu digo resistência, na história dos nossos antepassados, de como eles chegaram aqui no Brasil, como negro, como bicho, e que hoje você resistir é grandioso, ser resistência, eu sempre falo eu sou resistência, é porque a gente tá levando história de um povo que sofreu, que trabalhou que construiu um país e hoje a gente tem coragem de contar história e quem te deve continuar lutando e resistência para mim é resistência, isso é ser quilombola. Eu conversando com os meninos que tudo que você vê existe no Brasil foi construído pelo saber de um povo, se é na culinária, se é na arte de dançar, até na moda, se você vê tá ali. Porque foi uma sabedoria que a gente resistiu, eu lembro, eu sempre falo, que foi uma frase de Jorge Aragão: que no negro usou o sofrimento em arte”, usou o que era de pior, hoje você ver, a feijoada, o acarajé, falando em culinária só lembra disso, sobre isso mas você não sabe o que foi que é o resto que a gente pega o que é o resto da galinha, que é resto do porco, que era dado aos cachorros, ele transformou em uma feijoada que é famosa no Brasil, não sabe mais nem o que comer, os outros comia trigo, feijão que vinha de fora, fritava e transformou no acarajé, é demais, é resistência, você saber quando você ver a história disso aqui, era tido como não prestava,

tem hora que eu me revolto, ao escutar dizer que o que a gente produz o que é nossa raiz é porcaria. Que foi que me disseram sempre e a gente repete. É muito bom ser quilombola.eu tenho muito orgulho disso.

Entrev. Eu queria agradecer a você pela disponibilidade da da fala e da memória e que a gente possa contribuir com essas reflexões.

AC: eu gosto de contribuir porque vocês como pesquisador ajuda a registrar o que é vezes a gente não pode, a gente não tem tempo, mas a gente não tem condições também. Porque quando eu recebi o documentário de Flávia eu achei muito bom que a gente fosse parar aqui hoje não faz isso acho que contribui também para que a gente registre um pouco da história do nosso povo, que a gente deixa passar despercebido, pra mim é muito bom eu tenho prazer em colaborar.

Entrev. Obrigada.

ANTONIO CORREIA DOS SANTOS

Antônio Correia dos Santos- atual presidente da associação quilombola do Barroso, agricultor, aposentado, tem 72 anos de idade. Seu relato trata sobre sua vinda para Camamu, anos atrás, seu casamento feliz e duradouro e seu orgulho em ser quilombola.

Entrev. , Hoje são 12 de dezembro de 2018, nós estamos aqui na comunidade do Barroso com senhor Antônio ...

A: Antônio Correia dos Santos

Entrev: Sr. Antônio Correia que vai nos dedicar um pouco de seu tempo a falar sobre a comunidade do Barroso, Bom dia Seu João....seu Antônio. Há quanto tempo o senhor mora na comunidade do Barroso?

A: olha tem 46 anos.

Entrev: que o Sr. mora aqui, o Sr. nasceu aonde?

A: olha eu nasci no município de Marau, mais eu vim pequeno para o município de Camamu, (inaudível) na faixa de uns 9 anos de idade E aí me dediquei a minha vida naquele tempo que filho de trabalhador rural ele não tinha oportunidade de estudar, mas eu toda vida desde pequeno sempre fui uma pessoa assim muito ativa e tal inteligente, toda vida eu gostei de trabalhar. Ai minha vida sempre em fazenda, em firma, empresa principalmente nas grandes fazendas de cacau e ai com a idade de uns 26 anos, então eu vim aqui pra essa região do Barroso e aqui estabelecidos.

Entrev: mas, o Sr. morava em Camamu?

A: não senhora, eu morava em Camamu você vive andando pelo mundo aonde eu achava trabalho...

Entrev: dentro de Camamu?

A: dentro de Camamu, no município de Camamu, na região de Camamu Bahia, eu ia, depois eu vim para aqui para esta propriedade...

Entrev: o Sr. tinha quantos anos?

A: eu tinha 26 anos quando eu vir para cá tinha 26 anos, hoje estou completando 72...

Entrev: ah, parabéns!

A: (risos)é se senhora, hoje né completando 72 anos, hoje quando eu cheguei aqui por exemplo já tinha muita tradição. O pessoal, por exemplo, aqui tinha era muita festa, aqui tinha muitos sambadores, que sambavam, homens e mulheres, isso aqui tinha muita

tradição. Quando chegava assim, período de fim de ano, festa junina, isso aqui se tinha muita grande a tradição, quebra pote, a que tinha muito um período de festa natalina, nos Reis, aqui tinha terno de reis, o pessoal fazia terno de reis aqui na região muito muito divertida, um divertimento muito grande, tinha quebra pote, pau-de-sebo tudo isso era era tradição aqui, o pessoal gostava muito de festejar aqui.

Entrev: mas o que é que assim atraiu o senhor para a região do Barroso?

A: o que me atraiu aqui para região do Barroso foi o seguinte, eu vivia de salário, assalariado, então que me atraiu aqui foi o seguinte foi a proprietária daqui Rosalina Docilio, ela era viúva, E aí eu chegando aqui, trabalhar vim para trabalhar e trabalho foi este até hoje, casei com ela.

Entrev: ela era daqui?

A: ela era daqui, nasceu e se criou aqui, nessa propriedade, nasceu e se criou aqui ela hoje está com 83 anos caminhando para 84 é por isso que ela hoje não vive aqui, devido à saúde dela e há muito tempo ela vive doente e tal. E a Sra. sabe que na cidade, o recurso mas eu vivo aqui graças a Deus Então vem trabalhando há muitos anos a gente consiga fazer alguma própria alguma coisa Graças a Deus que hoje a gente sobrevive desta propriedade conseguimos ampliar, então na cultura do cacau do Cravo e, a exemplo, eu vivo aqui depois veio o movimento, o movimento quilombola, aqui como era uma região que todos os aspectos tem características como foi uma região de trabalho escravo que aqui próximo daqui, ainda encontra o sinal, mesmo com toda devastação hoje que tá existindo aqui na na região, mas se encontra sinal de tanques antigos, tanques enormes grande aqui mesmo próximo daqui tem um lugar para o nome As Pedras que tem muito muito enorme ,então foi feito pela pela escravidão. Mais próximo aqui na região, numas matas de José Freitas, então também tem tanque enorme, só que agora arrombaram o pessoal abriram o tanque para pescar, para caçar pra quando as paca cair dentro do outro viu então tem facilidade de matar. Então, o que foi que aconteceu para o movimento e aí a gente se dedicou então fundamos uma Associação, a Associação quilombola do Barroso. Hoje nós estamos aqui com vinte e tantas famílias, que moram dentro do território do Barroso, então já teve a demarcação, por exemplo, estamos esperando receber o título, o título do CDA não saiu ainda, mas tá próximo. Vai sair e sempre a gente vem dando continuidade ao movimento, a Anacelia mesmo que é muito engajada no movimento, ela gosta de fazer uma festinha e tudo vem muitas comunidades de fora, então nós somos muito disputado aqui pessoas que tem vindo do exterior para aqui ,então da Alemanha, da da da Espanha , então pessoas fazendo visita daqui da Inglaterra, tradicional de atenção a tradição hoje é uma comunidade conhecida tanto aqui no Brasil e como fora como fora do Brasil. Então, por exemplo, gente é eu me sinto muito feliz aqui que é daqui que eu vivo, é daqui que eu tiro meu sustento para minha minha família, inclusive por exemplo, ainda colaboro muito com a vizinhança em termos de estrutura, de estufa, com tudo, então eu socorro aos companheiros nessa situação.

Entrev: quais as dificuldades que o Sr. encontra morar na comunidade?

A: a maior dificuldade que nós temos aqui a estrada. O maior problema porque é o seguinte nosso acesso daqui para o Orojó pra pista são 11 Km. A senhora viu hoje, não é fácil para se chegar até aqui, quando cai uma pessoa doente aqui é o maior problema, maior problema, se não tiver tem que sair se for de noite tem que sair correndo aí para ir ver alguém que tem carro a felicidade que vizinho aqui tudo tem carro já tem acontecido alguns problemas e eles vão dar socorro, por isso é um grande sacrifício. Também outro sacrifício aqui é a água, o que tem aqui um projeto da CERB, só que esse projeto a gente dá muito problema em acontecendo agora mesmo já tem uns três meses que nós não, não cai uma gota de água porque deu problema na bomba ficou ao caso da prefeitura, a prefeita diz aqui vai resolver esse problema e até hoje. Outro problema que nós

enfrentamos aqui, apesar que eu não tenho filho que estuda, não tem nenhum parente aqui que estuda, mas às vezes a vizinhança tudo tem filho, que sair daqui para ir para Camamu Travessão, isso é um grande problema é uma grande dificuldade, porque quando chega o período da chuva sai daqui viajar pela parte da tarde e quando eu chegam aí é de noite aquele socorro e eles perdem muita aula por falta de transporte, devido a própria estrada, isso é uma grande dificuldade que nós enfrentamos.

Entrev: o Sr. tem filhos?

A: eu tenho, mas não aqui.

Entrev, tem quantos filhos?

A: eu só tenho uma filha e dois de criação.

Entrev: como... o Sr. já falou das tradições, de terno de reis, de quebra pote, mas como é viver na comunidade do Barroso?

A: não... a gente vive aqui, graças a Deus, nós não temos, nós mesmo que pertence ao quilombo, nós não temos divergências, então, vive todo mundo na paz, não tem aquela grande desavenças que nem Às vezes tem em outras região aqui dentro do Barroso, da comunidade que pertence o território.

Entrev: O Sr. falou de algumas tradições, então quais são as raízes culturais marcantes da Comunidade do Barroso?

A: hoje é o seguinte essas tradições, que a senhora será sabe que o tempo vai passando e aquelas pessoas mais velhas vão morrendo aí os novos muitas vezes não querem dar continuidade já pensa, já tem o hoje, tá muito focado pra tecnologia, essas coisas e naquele tempo. Então, não tinha nada disso, o pessoal era focado dentro dessa brincadeira, então tem alguma tradiçõzinha quando chega o mês de junho e tal aí sempre tem alguma brincadeira e tal. Ana nunca deixa de fazer uma brincadeirazinha no mês de junho, mas não tem mais aquela frequência que tinha viu alguém? Ainda tem o quebra pote assim alguma coisa que ela mais gosta de fazer...

Entrev: o samba?

A: o samba ela gosta de fazer e tal, ela e Maria Leite, só que Maria Leite agora tá doente teve problema de derrame aí ela já não tem mais condições fazer essas coisas.

Entrev: vocês tem uma igreja, né?

A: tem sim, aqui tem uma igreja católica, de 15 em 15 dias, tem missa. Todo dia de manhã então tem a comunidade tem um encontro na igreja e tal tem palestra, tudo.

Entrev: E qual é o mês de comemoração do Padroeiro?

A: Aqui é o mês de maio, é o divino Espírito Santo, agora todo, todos quinze dias têm missa, sempre a comunidade muito, tem um apelo muito grande pela fé, pela religião.

Entrev: o que mais comove, deixa saudades ao lembrar da Comunidade?

A: por exemplo, o que deixa assim saudades, é aquelas convivências com os companheiros, é uma coisa como, muito que comove a gente, as vezes eu penso em sair daqui, mas por exemplo, eu digo se eu sair já é um a menos. Ai quando eu falo em sair, os companheiros falam “rapaz você não pode sair não, vocês é dos que mais incentivam ajuda incentivar a comunidade”, então tudo, esses aí então já é, já vai perdendo mais um companheiro, vai perdendo mais a influência.

Entrev: Qual é a história da comunidade do Barroso?

A: a exemplo história da comunidade do Barroso, essa história que nós temos, só pensando no nosso desenvolvimento, é isso que me apega aqui, e outros companheiros também aqui, o que a gente pensa no nosso sonho nosso sonho ainda em mesma comunidade do Barroso com outro desenvolvimento, por exemplo, apesar da dificuldade que a gente vê aí, hoje dos nossos governante, mas a gente acredita ainda nessa história ainda aqui, lá um dia eles vai ter alguma algum respaldo para a gente.

Entrev: como é que o senhor Conta essa história do passado, do tempo passado para os jovens. As crianças?

A: a tradição do passado era a mandioca, era muita farinha que se fazia aqui nessa região eu mesmo já fiz muita farinha, plantei mandioca, por exemplo, Então, essas culturas que nós estamos tendo hoje, cacau, cravo, essas coisas isso veio muito depois. A tradição daqui era as mulheres, tinha mulheres que fazia muita panela de barro, até aqueles (inaudível) de barro para casa de farinha fazia, tinha olaria que faziam telha também aí no Varjão. A cultura da mandioca aqui já teve muita cana para virar rapadura, Então muitos que não tinha condições de comprar açúcar e o açúcar era era rapadura era a cana, café também aqui já teve muito café já foi o forte. Hoje já não tem mais depois da cultura do cacau e do cravo, E aí os mais velhos foram morrendo e os mais novos então foi perdendo essa influência, mas a panela de barro aqui era tradição tinha muitas mulheres que sabia fazer panelas, mulheres e homens e tudo, tinha para fazer para fazer as panelas.

Entrev: os seus familiares antepassados participavam de algum movimento social?

A: era o movimento que eles participavam naquele tempo... é isso que eu já falei para senhora, as festas, os santos, era muita gente saía daqui quando era no período de festa religiosa em Camamu na festa de São Benedito, Nossa senhora Assunção, Senhor do Bonfim naquele tempo saía muita gente para daqui para ir para cidade, para festas religiosas da festas, quando terminava estavam de volta, então para atividade deles.

Entrev: mas, enquanto Associação antes de ... essa união, o Sr. disse que são pessoas muito Unidas, antes da Comunidade ser quilombola, a Associação já existia?

A: já sim senhora. Inclusive a Comunidade Católica daqui tem mais de 20 anos mande Associação já existia Comunidade Católica que todo mundo se reunia era assim não temos a mente uma associação Só que os assuntos que era discutido Só era somente o assunto da da religião era somente assunto da religião.

Entrev: e os assuntos da comunidade como era feito as demandas ao poder público?

A: as demandas, por exemplo, juntava duas a três pessoas dizia: vamos lá conversar com o prefeito a situação pra ver se tem algum melhoramento” era o que se falava era estrada é o que se falava na estrada ,da escola aquele tempo que não tinha escola, já ...mesmo sem ter associação já se batalhava que viesse uma escola para que os meninos, os filhos das pessoas que mora aqui que vai se pudesse estudar e as escolas daqui foi criada antes das associações, então, iniciativa mesmo daquelas pessoas alguém que que pensava que dizer: como é que vai ficar esses meninos? eu já fiquei sem estudar não tive condições de estudar os meninos sem aprender, nada vai ficar igualmente a mim ?aí não tem que conversar tem que ir alguém lá conversar com o prefeito para resolver essa situação. De fato, E aí ia Naquele tempo era Zezito, depois Milton, ia sair as pessoas daqui para ir conversar com eles para arranjar alguém para ensinar e a prefeitura pagar, era tanto que começou aqui não tinha escola, Então as pessoas pediam a casa, a sala pra professora ensinar.

Entrev:você veio para cá com quantos anos?

A:eu vim com 26 anos, pra Camamu com 08 anos.

Entrev: pra Camamu com 08... e não teve acesso à escola?

A: não tive acesso à escola não senhora, eu aprendi a assinar meu nome, assim saía para trabalhar, saía com a cartilha, aonde eu encontrava alguém que soubesse ler eu pedia para me ensinar e tal, para eu conhecer as letras. Eu fazia questão de conhecer as letras, ai as pessoas dizia essa daqui é A e tal e aí e com aquilo eu fui, então me desenvolvendo, que eu aprendi assinar meu nome.

Entrev: e o senhor tem leitura?

A: A minha leitura, por exemplo é pouca, agora...

Entrev. Conseguiu ler e saber escrever.

A: para ler eu leio até melhor do que escrever vii. Eu escrevo ruim, agora para ler eu leio muito bem, para mim que é prova que a senhora tá vendo aí, essa quantidade de livros aí, não tenho dificuldade, não leio pra ficar gaguejando, pelejando para anunciar palavras não.

Entrev: o interesse em ter feito a biblioteca particular veio de que época?

A: eu sou muito chegado na história, as notícias, minha senhora, eu tô aqui, mas eu dou conta do que se passa com se passa no mundo, sou muito chegado a história e eu lia muito livro de história que tinha aqui naquele tempo, hoje não, a gente não encontra mais livro pra comprar, e aí eu comprava muito livro de história, não tem nenhum emprestado, porque lá mesmo levava fim e aí aqui me trouxe assim aquela dedicação a leitura, a ler conhecer assim as informações, que foi que aconteceu no passado? saber como era o passado? e a gente se encontra isso nos livros de história. Revistas, gosto muito tenho muitas revistas de história foi isso que me incentivou a leitura.

Entrev: o senhor foi um dos primeiros a organizar o movimento quilombola, de onde veio esse interesse?

A: foi sim senhora, fui o primeiro, esse interesse veio, eu venho encontrando algumas história sobre a história de Camamu, dos negros, dos escravos que teve em Camamu, desse movimento e analisando aspectos da região pelo que se a gente pelas marcas que tem na na região, então, em alguns livros eu tenho aí, contando a história de quilombo, veio contando a história de que modo essas coisas tudo, isso aí me veio na ideia me veio aquele incentivo.

Entrev: O que é ser Quilombo para o senhor?

A: é o seguinte: a gente valorizar os nossos antepassados que fugiu. Quando eles fugiam, procurar lugar para se refugiar e ali foi reformada a resistência, criava aquela aquela resistência muitos deles era morto lá ,outros dias levaram a força ,de volta para para senzala, então por exemplo, que o que me motivou isto é nós criar uma resistência para ver se os poderes públicos que se fizer uma resistência frente aos poderes, se nós ficar de cá com o braço cruzado esperando que ele venha fazer alguma coisa, eles não vem, pra fazer alguma quiser uma coisa que nós tem, nós vai cobrar, nós tem a resistência da presidência daquilo e resistir que, muitas vezes a gente, chega lá uma palavra de não ,mas aí é o seguinte a gente não pode esmorecer gente tem que criar resistência que tem que resistir .E aí por exemplo, tem um dizer: de de que um grupo unido, jamais será vencido. O que me leva a esse incentivo a esta luta.

Entrev: Como é ser quilombola do Barroso?

A: quilombola do Barroso é aquilo que já falei pra senhora, uma comunidade que luta pelo seu objetivo, ela vem lutando, sofrendo, as vezes, até preconceito, muito achocalho, a gente não vive de ser arrependido de ser quilombola não senhora, as vezes,... você pode

Entrev: o senhor pode citar preconceito como assim?

A: o preconceito é o seguinte, que existe aqui na nossa região que diz que isso é coisa do diabo.

Entrev: é?

A: é, sim senhora. E a senhora sabe que o movimento quilombola é ligado ao terreiro de candomblé essas coisas e tem gente que acha que essas coisas é coisa do demônio dá é coisa do diabo.

Entrev: e aqui tinha terreiro?

A: próximo daqui já teve, hoje não tem mais. Aqui aqui mesmo no Machado, não tem muito tempo que morreu uma mulher que ela curandeira. Esqueci o nome dela agora, me fugiu, não tem muito tempo...Crisalda. Aqui próximo, nas Aboboras, que não tá distante daqui também tinha uma, que já morreu há muito tempo, antigamente aqui tinha muito

candomblezeiro nessa região, Hoje não tem mais. Hoje aonde tem uma aqui de lá perto da pista Dona Marlene lá na Serra.

Entrev: o Sr. acha que ligar o movimento quilombola a questão da religião do Candomblé é um preconceito?

A: pra muita gente ainda é.

Entrev. Como o Sr. explica isso para as pessoas?

A: não é pra existir preconceito, porque por exemplo, todas as religiões tem o seu valor, tem sua história todas elas tem valor não tem nenhuma que não tem seu valor, o evangélico tem um grande valor, o católico ele tem um grande valor, candomblé, budista aí tudo isso tem tem a Maçonaria todo mundo tem, todo mundo, são histórias e essa história nossa, é a história do nossos antepassados os africanos na África, por exemplo, esse movimento é muito grande na África, mas infelizmente no Brasil existe algumas religiões que ainda existe esse preconceito.

Entrev: como o senhor passa para seus netos seus filhos o que aprendeu com os seus pais e avós sobre?

A: a gente conversa, explica para eles filha de meu filho adotivo para jornalista Rio de Janeiro como fazer um comentário, comigo e avó. Então como era tradição? que ela disse que quer que ia fazer um arquivo que é deixar esse arquivo para quando, por exemplo não perder essa história, gravou tudo e tal e aí ela disse que vai deixar aquilo lá nos arquivos dela.

Entrev: eu queria agradecer o senhor pela disponibilidade.

A: estou aqui a disposição qualquer informação, a gente foge assim a memória com o passar do tempo não quer sair, esquece de muita coisa.

Entrev: e agradecer a sua disponibilidade de estar conversando, obrigado.

COSMIANA BISPO DA CONCEIÇÃO

Cosmiana Bispo da Conceição- liderança feminina, mãe de três meninos que estudam na escola da comunidade em que ela trabalha como auxiliar de serviços. Em seu depoimento, fala sobre a questão da mulher na sociedade e um pouco da história da comunidade em que a adotou.

Então, hoje são 22 de novembro de 2018 e nós estamos aqui com uma das lideranças da comunidade do Barroso que faz parte da associação quilombola do Barroso, Cosmiana.

CS: Olá, eu me chamo Cosmiana Bispo da Conceição sou moradora aqui da comunidade do Barroso há 13 anos, tenho 27 anos filhos, sou casada, no caso união estável e sou secretária da associação, já por dois mandatos.

Entrev. Quais são as suas atividades é...desenvolvidas na comunidade?

CS: no caso, é participo do mulheres aqui da comunidade, sou secretária da associação, faço as atas, sou responsável por fazer as atas da associação... é nós... junto com grupo de mulheres nas fabricamos alguns doces, outros produtos também, estamos em teste como os derivados do aipim, a massa da lasanha de aipim, ao invés de farinha de trigo, está em teste. O macarrão de aipim, ao invés de farinha de trigo e pimenta conserva. Também a gente tem um grupo de... o grupo mesmo grupo de mulheres que participo que o samba também, agentes ama também tem um grupo do fundo rotativo também eu sou uma das lideranças do fundo rotativo.

Entrev. Você trabalha na escola da Comunidade é.... daqui do Barroso: qual a sua função e como é trabalhar na escola?

CS: bem é....a minha função aqui na escola é auxiliar de serviços gerais. É... eu limpo, eu cozinho,eu lavo e para mim trabalhar na escola é uma realização, porque é como se fosse para mim é uma terapia, porque desde do ano passado e no caso é o meu sonho sempre voltar a estudar quando eu voltei para estudar não 2016 minha vontade dele no caso estudar para poder ter um trabalho, mas era muita dificuldade em um ano passado eu tive oportunidade de lecionar no Mais Educação, passando pelo momento difícil que eu estava depressão e me ajudou, eu achei que, que trabalhar na escola poderia tumultuar, mas não, me ajudou a sair daquele momento difícil. Então, esse ano havia oportunidade de fazer com que também, porque eu me sentia inútil em casa e aí eu só me sinto útil se em tiver movimento e trabalhar na escola para mim significa isso, essa libertação, no caso para me sentir liberta com liberdade, de eu ter autonomia, de poder fazer minhas coisas. Eu não consigo eu ver alguma coisa para mim como fazer e eu não ter como fazer, e eu trabalhando na escola ainda essas oportunidades como fazer com que eu me sinta útil os meus meus projetos, como também me sentir, não sei ... como pessoa mesmo, como servir mesmo, não ficar só ali pensando, sem poder fazer nada.

Entrev. Seus filhos estudam aqui?

CS: meus filhos estudam aqui na escola e até aqui para mim fazer que nem eu é... para mim é uma escola maravilhosa.

Entrev. São quantos filhos você tem?

CS: eu tenho três filhos estão todos os três aqui.

Entrev. Qual sua relação com a comunidade em termos de... você nasceu aqui...você veio para cá?

CS: Não, não eu... eu nasci na Acaraí, vim bem pequena para o Orojó e depois quando me tornei... nem mulher não... na verdade adolescente eu tinha 12 anos e aí comecei... Eu namorei um rapaz... E aí eu fugir de casa e com cinco meses não deu certo, eu vim para aqui. E aí aqui eu conheci um primo meu e daqui fiquei logo porque eu tinha vergonha de voltar para casa porque eu tinha fugido uma vez de casa eu tive que com vergonha casa e quando cheguei aqui quer vir conhecer minha tia eu ver oportunidade de não voltar para casa, porque eu tinha vergonha de olhar mainha, já que eu tinha decepcionada ela. Aí eu... desde, então moro aqui, tem 13 anos aqui.

Entrev. Quais são as responsabilidades de ser uma das lideranças de mulheres do Barroso?

CS: responsabilidade, uma das responsabilidades maior do que eu acho né a gente tem que compreender o que as mulheres representa, tem muitas vezes antigamente mesmo tempo de eu menor, sempre uma pessoa madura no caso e outros aspectos participei da igreja e eu tinha aquele amadurecimento por um lado, mas por outro eu era ingênua. Eu achava que uma mulher apanhava porque ela queria. Eu, quando era menor via conversar com sobre fulana, fulana apanhou apanhou porque quis aqui e eu vi a muito isso Então hoje começa o grupo que a gente participa a gente aprende muito que a gente tem que compreender né tem que compreender a mulher me informe pelo mais que a gente luta a gente é vítima de certas situações tem até medo de falar, tem vergonha de falar. Então, não precisa a pessoa falar, tem que notar que precisa aquela pessoa falar que tem que matar outra a outra responsável das crianças tava assim que eu tinha responsabilidade Só com meu filho dentro de casa meu irmão, mas hoje em dia eu percebo que a gente tem que a gente é uma família comunidade senhora também ela que não tava proteja todas as crianças, todos os jovens da comunidade, todas as mulheres, buscar uma forma de todos viver de uma forma humanitária e não pensar em si próprio, eu acho uma grande responsabilidade na comunidade, de uma liderança e buscar uma vida melhor para todos.

Entrev. Você já falou dos tipos de atividades desenvolvidas. Quase as dificuldades que a comunidade percebe e enfrenta enfrenta em termos de acesso aos serviços sociais públicos?

CS: tipo?

Entrev. que mais as dificuldades da comunidade nos serviços sociais públicos que mais vocês têm dificuldade em acessar os serviços...

CS: tipo saúde...

Entrev. Isso.

CS: eu acredito que na comunidade e em todas, a zona rural toda tem essa dificuldade de acessar esses serviços sociais porque na saúde principalmente hoje é um dos aspectos... no Orojó, quando a gente chega no posto mais próximo na hora não chega na hora vai pegar uma ficha acabou ou só dá para uma pessoa passar, porque a gente tem que sair daqui chegar no (inaudível) é muito grande e aí quando eu chegar a gente ir para lá pegar uma ficha levar duas pessoas doente tem que voltar para trás sem atender é muito difícil e ainda na saúde.... na saúde Odontológica é muito difícil. O que é que tem várias pessoas que precisa de dentista não tem como acessar esse tipo de serviço social um dos serviços que mais funciona é a vacinação ainda porque a enfermeira procura amizade com professor e o professor também tá sempre aberto e aí dá essa informação. Ela passa a informação que dia vai ser a vacina ele passa para a comunidade. Porque nós não temos agente de saúde, então tá muito difícil quando a pessoa cai doente, até porque transporte quando você estiver doente aqui tem que pagar um frete de R\$ 100, 200 reais, a não ser que as pessoas, como agora a gente já se sente família aí ameniza mas, antigamente era pior ainda e hoje a dificuldade é essa aí.

Entrev. o que que mudou você tá aqui algum tempinho já... sente na Comunidade, o que é que mudou a vida da comunidade do Barroso após a certificação dela em 2008? mudou não mudou?

CS: mudou e não mudou, tem uns pontos positivos e tem que mudar porque no caso, a gente criou mais autonomia é uma forma de se divertir que essa certificação vai trazer para a gente, o que é nosso, o que é que entendimento do que é ser quilombola, do que é ser uma comunidade certificada, uma comunidade protegida, em outros pontos é porque a lei muitas vezes ela não cumpre o que ela fala, aí a gente toma um lado se sente protegido por outro se sente ameaçado, como por exemplo, o terreno da casa de farinha que já era para ter sido resolvida há muito tempo que é um terreno a gente quer construir nossa cozinha comunitária e a gente tinha um desejo de fazer uma horta comunitária, tinha não!, ainda tem, desejo de fazer uma horta comunitária coletiva e a gente não tem como fazer isso até porque a lei que diz proteger ela não está falando com as suas promessas vencidas tem pontos negativos e pontos positivos.

Entre. O que que a comunidade tem feito para preservar suas tradições, costumes e valores?

CS: tipo?

Entrev. Festas tradicionais e pode falar de festas... Quais são as festas tradicionais daqui os festejos e como é que ela tá ela consegue fazer para preservar para manter?

CS: No caso tem um samba como já falei né que é uma tradição, porém nos últimos tempos por falta de algumas mulheres companheiras do grupo, umas tá doente, outras...uma faleceu também, aí desanimou um pouco, o grupo tá um pouco que meio desestabilizado assim. Não sei saber ainda porque tínhamos uns ensaios sempre, tínhamos de noite que a gente sambava, chamava a gente de fora e aí nunca mais a gente fez isso devido algumas companheiras tá com essas necessidades ,mas mesmo assim ainda tem noção...tem o mutirão dos homens, aqui né... aqui também que sempre tem o aniversário do Mutirão, tem o nosso almoço, que todo final de ano nós vamos amiga secreta, o nosso almoço, temos também junto com o grupo das mulheres nós temos aniversário de todas todas as mulheres comemorando e responde né de aniversário naquele mês ajuda a todas aí daquele presente, lembrança. Fora isso tem também as nossas culturas, as nossas como

tipo ontoontem foi Dia da Consciência porquê da consciência negra do Samba antes do dia 20 mas aí agora a gente comemorou junto com a escola essa semana. Envolveu junto o samba na escola e fez aquela comemoração para não passar em branco

Entrev. Quantas mulheres participam do movimento aqui?

CS: são doze mulheres, mas como eu falei algumas nesse momento tão doente. Não pode sentar, (inaudível) aí tá um pouco desequilibrado.

Entre. Qual é a história da comunidade do Barroso, você contando a história do Barroso?

CS: Meu Deus, isso que tá me pegando...Eu também eu não sei assim contando do Pé da Letra porque eu vou falta de muitas vezes até que é desleixo né. Ainda não parei ainda para até...Ana porque ela falou até que ia fazer o quê que eu gosto de escrever aí ela ia contar para me inscrever, mas eu sei que o Barroso tem mais de 100 anos, praticamente 200 anos de idade e sei também que essa comunidade aqui ela foi criada através dos pequenos produtores, ou seja, aquelas pessoas que eram empregadas dos grandes fazendeiros que vinham para trabalhar com eles. Era pago através, de tipo, assim eles trabalhavam ganhava comida em troca, não era o pagamento dele. E aí quando veio a vassoura de bruxa trabalhadores receberam um pedaço de terra aqui nesse lado, porque Barroso significava uma terra ruim, era um Barroso muito então os grandes fazendeiros não tinha interesse nessa terra era conhecido não dava cacau, não prestava, e aí foi dado em pagamento parece as pessoas. Só que essas pessoas por não ter uma outra não tem outra alternativa elas investiram nesse barro ruim e esse barro ruim produz hoje, cravo, cacau, guaraná todo fruto que a gente planta dá e hoje, graças a Deus, a gente é o que eu sei um pouquinho contato aonde que eu gravei assim de algumas conversas.

Entrev. E quem mais conta essas conversas aqui?

CS:aquí essa essa conversa mesmo tá na ponta da língua de uma pessoa (risos) de Ana Célia, a Presidente Associação. Ela sabe contar mesmo tudo, sem tirar...

Entrev. Os mais velhos contam?

CS: contam também. Os mais velhos contam as tradições de antigamente que era a festa de vizinho à casa do outro e aí dançava e brincava até o amanhecer. E aí hoje quase que não tem essas coisas. Eles contam tudo como foi, inclusive, meu sogro é uma dessas pessoas que ganhou até aqui a terra do barro ruim e que produziu, que hoje os filhos mora dentro continuou o trabalho dele.

Entrev.Esses mais velhos da Comunidade participavam já de algum movimento social.. como é que eles contam essa construção de seu movimento de mulheres ou de homens eles já tinham?

CS: na verdade... eu vou dizer uma coisa eu acredito que só a igreja mesmo assim igreja começou a partir do momento que a (inaudível) e Ana Célia veio morar aqui começaram a criar esse grupo de religião que antigamente eles iam para um outro lugar que é chamado de Pimenteira. E aí só eu acho que movimento deles era a igreja.

Entrev: na Igreja Católica?

CS: na igreja católica.

Entrev. Para você o que é ser quilombola do Barroso?

CS:para mim para mim veio como uma oportunidade que surgiu na minha vida, porque onde eu morava não tinha oportunidade eu eu eu eu creio que não tinha porque era somente da igreja para..., no caso eu gostava de participar bastante da igreja católica, da igreja para casa, da igreja, de casa para a escola era meu...minha trajetória, mas não tinha um Projeto que fizesse se entusiasmar pelo lugar e aqui. E aqui depois que eu cheguei aqui vários projetos foram desenvolvidos, já eram desenvolvidos e eu fui encaixando nesses projetos, que eu vi que tem um resultado muito melhor do que morar lá. E ser quilombola para mim é uma oportunidade que eu tenho de realizar e viver no grupo, de

ser acolhida. Até porque é uma comunidade muito solidária, muito prestativa, então é não viver solta por aí. É ter um acolhimento.

Entrev: Então eu queria que você falasse sobre a questão da educação escolar da comunidade, assim, que é que só vai até o quinto ano na classe multiseriado é assim como essa esse trânsito: as dificuldades e também os avanços nessa questão da Educação na comunidade do Barroso?

CS: eu vejo essa questão como muito preocupante é...até porque eu já estou com essa preocupação aqui na escola, no colégio, na escola aqui, não ensina só Matemática, português, mas ensina também valores, são um complemento com os valores que eles trazem de casa. O professor junto com a companheira em comum ensina valores e como se portar né dá sempre orientações, um valor que quando eles passam para chegar na rua quando ele sai do quinto ano que passa por sexto, eu acho que não só eu como mãe hoje com todos os pais daqui se preocupa. O que as crianças que estudam aqui quando passa para rua já nem todas têm o mesmo tipo o valores que ensinavam é como se tivesse esquecido que se envolvem com bebida não dá um desrespeito os pais. Eu Eu Mesmo como mãe vou dizer e como estudante que já foi estudante, voltei a estudar em 2016, eu fiquei de uma forma que só Deus, porque no transporte deixava muito mais exausta do que no colégio, eu recebia pedrada nas costas sentada, casca de cacau nas costa e eu tinha que ficar quieto era papelzinho e era aquele gritar ele era uma putaria, falava então diz palavras de baixo calão. Porque se eu não ficasse calada, eu também sofria as consequências vendo meu filho saindo daqui para ir para pegar o mesmo transporte que eu não aguentei eu não sou me deu até crise de ansiedade, eu não suportei eu tenho muita preocupação é porque meu filho tem problema de coração. E agora eu tenho medo do que possa acontecer, ele possa entrar no meio da gandaia e se tornar “Deus livre, meu Deus” de diversas maneiras ser agredido, de ser obrigado a fazer o que não quer.

Entrev: Quantos veículos é...vocês pegam para chegar até Travessão?

CS: no caso a gente pega o veículo daqui até o orojó e do orojó para lá para o travessão.

Entrev: gasta quanto tempo travessão?

CS: eu não parei para calcular ainda, mas acredito que daqui para o orojó 30 minutos, e de travessão para lá mais 30, né, uma hora de relógio para chegar lá, mas ainda não calculei ao certo, procurei ainda ao certo mas essa preocupa é muito preocupante disse porque muitas crianças elas se envolveram com droga, outras crianças desistiram de estudar desobedeceram a mãe de tal forma. E como eu falo não é por nada, ainda assim porque não é só travessão, Camamu-Travessão porque tem crianças aqui quero ainda assim no colégio que ainda prefiro o travessão, porque assim como professores que ensinam valores, alguns professores que tem lá também são os valores delas que pegam um vínculo de amizade com a com a criança que ajuda a proteger. Em Camamu eu não vi isso ainda, até porque uma época eu fui em Camamu, entrevista sobre Padre Pio professora entra na sala e sai que é como se não conhecesse seus alunos que tem. E no travessão a gente sente aquele, aquela importância que eles dão. Como pessoas da Diretora Maria, Rosarinha que sempre foi com a mãe. Eu tenho essa fé que meus filhos pais e eu vou continuar assim junto, tentando indo na escola de 3 em 3 dias eu quero estar eu não quero deixar que não aconteça com outras crianças aconteceram aí. No transporte mesmo é faca, é tudo isso aí, é peção tomei uma pedra em cima do caminhão que eu sangrei quase 15 dias porque os meninos estavam fazendo zuada entrando caminhão, aí motorista freiou de vez muito difícil a dificuldade nisso.

Entrev: e a questão da escolaridade para você é importante?

CS: com certeza, com certeza eu mesmo sinto muita falta, eu digo hoje para mim o maior sofrimento da minha vida eu não ter terminado meus estudos, muito sofrimento.

Entrev: no orojó no orojó não tem classe né especial para o ensino médio?

CS: a gente tinha um colégio que ia vir para aqui, só que eu não sei o que aconteceu não procedeu.

Entrev: eu gostaria de agradecer sua disponibilidade, sua fala na pesquisa, sua experiência, e que você possa ajudar seus filhos essa missão que é ver os melhores passos mais que a gente está, né.

CS: eu agradeço e espero em Deus que eu consiga porque meus filhos siga, o que eu não consegui, mas o que tenho fé em Deus também que ainda vou lutar ainda para chegar lá.

DELZA CRUZ SANTOS DE SANTANA

Delza Cruz Santos de Santana- aposentada, agricultora, tem 64 anos. Sua história de vida é permeada pela vida na comunidade, dedicada a criar filhos e animais domésticos que estão na sua pequena propriedade rural.

Entrev: Então hoje são 3 de janeiro de 2019 e nós estamos aqui com Dona Delza Cruz Santos de Santana, bom dia... dona Delza bom dia, há quanto tempo a senhora mora na comunidade do Barroso?

Delza: então nasci e me criei tô com 64 anos aqui mesmo.

Entrev: Seus pais eram daqui?

Delza: meu pai de que era de Oricó Mirim, minha mãe era de Camamu do outro lado da vila laranjeira.

Entrev: E viveram aqui?

Delza: viveram aqui, tiveram 23 filhos, criaram 16.

Entrev: o que mais a senhora lembra da Comunidade na infância, na juventude?

Delza: eu lembro sim que minha mãe tiver assistido tudo com Parteira, criou esses filhos tudo em casa sem ir pra médico, que ninguém aparece para tomar vacina, nem nada. Meus filhos também eu tive que com parteira, todos três.

Entrev: eles moram aqui seus filhos?

Delza: as menina tão, uma em Camamu e outra em Travessão e o menino quando, a quando o menino apareceu a segunda tinha 15 anos, ele tá com 23 anos... daqui daqui a pouco ele chega. Tá aqui com a gente ainda.

Entrev: Como era viver na comunidade naquela época da sua infância? sobre o trabalho... é o quê que vocês mais brincavam na juventude o que é que mais se fazia...

Delza: olha naquela época não existia brincar como hoje, né a infância da gente foi diferente, brincava mas, pouca coisa, principalmente eu que ajudei minha mãe criar quase todos. Brincava é pouco, naquele tempo lavava roupa, pegava agua em fonte, não tinha muito tempo, minha mãe trabalhava muito...

Entrev: trabalhava na roça?

Delza: em casa e na roça com meu pai.

Entrev: a senhora é a mais velha dos irmãos?

Delza: sou de junto da mais velha.

Entrev: ai tomava conta dos mais novos?

Delza:

Entrev: a questão da escola, como era naquele tempo?

Delza: a escola era meio difícil. A professora...tu já passou daí pra lá? Do Varjão pra frente?

Entrev: não.

Delza: então, minha primeira professora morava pra lá de Yaloon, de Ademar Nunes, esqueci de perguntar quantos quilômetros era, eu sei que é longe, a gente ia...eu estudei pouca coisa, porque no meu tempo era tipo ABC, depois a cartilha, depois vinha o primeiro livro, ai eu estudei o primeiro livro, depois não consegui mais estudar, consigo fazer meu nome e ler alguma coisa.

Entrev: tinha que sair daqui pra estudar lá....

Delza: era, todos os dias.

Entrev: a pé ou em transporta?

Delza: que transporte minha filha, naquele tempo era animal, não tinha transporte não.

Entev: ai todos daqui estudavam por lado de lá?

Delza: era, minha irmã mais velha que ainda conseguiu ir pra cidade e estudar um pouco.

Entrev: então, a senhora nunca saiu daqui pra estudar?

Delza: pra estudar não. Só quando tem precisão, pra médico...

Entrev: e seus filhos estudaram?

Delza: já, as duas concluíram o primeiro ano...como é que diz segundo, primeiro grau, enfim, diz que é o primeiro grau...

Entev: tem o primeiro grau e tem o segundo grau?

Delza: então, as duas conseguiram depois que casaram, e o menino não quis mais estudar não. Ele gosta muito de roça, mas foi boa também, assim.. ele perdeu por um lado também, que ele não quer, não gosta de cidade, não gosta de estudar, pelo outro, ele ganhou, ele gosta de roça e faz companhia pra gente ,né. Pra mim e o pai.

Entrev: como é viver na comunidade do Barroso agora?

Delza: agora mudou, é, tem transporte, tem energia, tem água,

Entrev: quais as dificuldades que a senhora encontra em morar na comunidade do Barroso?

Delza: rapaz, na verdade muito pouco sabe, que eu acho assim.. eu mesmo gosto quando a gente não gosta, né mas, quando a pessoa gosta de morar na zona rural é gostoso.

Entrev: Quais são as tradições culturais da Comunidade?

Delza: aqui são poucas é a festa do Padroeiro daqui. A igreja é ali próximo, a festa do padroeiro é dia de Pentecostes, que comemoratodo domingo tem celebração na igreja. Tem as festas popular para os modernos

Entrev: a senhora participar das festas assim quando tem, como tinha, assim... samba de roda?

Delza: as vezes...

Entrev: festa de São João...

Delza: as vezes, que eu não gosto de sair muito não.

Entev: como é que a senhora conta a história da comunidade do Barroso?

Delza: sobre assim como?

Entrev: sobre a história da comunidade que os pais da senhora contavam, que os avós da senhora contavam como é que começou a comunidade, o nome Barroso vem de quê?

Delza: essa origem ai eu não sei dizer, agora essa região aqui ela conhecida assim para assim melhor por Varjão. Aí esse nome de Barroso não tem muito tempo o pessoal de Camamu só conhece essa região aqui Varjão, de Barroso tão conhecendo agora, assim que aqui anda muita gente né, mas, antes era a região do Varjão. Meus pais... não sei dizer como era antes, meus avos quase não me acompanharam, só a mãe de minha mãe, que eu lembro dela um pouquinho mas ela morava em Camamu, os pais de meu pai não conhecia nenhum, meu avô também materno também não.

Entrev: é, comunidade do Barroso, é uma comunidade quilombola...como a senhora ver essa questão quilombola?

Delza: rapaz, porque é pouco tempo. Sim, mudou alguma coisa, mas falta muita coisa ainda.

Entrev: pra senhora o que é ser quilombola?

Delza: eu já ouvi dizer, esqueci agora. Eu sei que é uma mudança, agora, agora não tô sabendo explicar não.

Entrev: o que mais a senhora lembra...a senhora lembra quando está viajando, saindo da comunidade? O que mais a senhora lembra daqui e dá saudade?

Delza: do filho, marido, e minhas criação: meus burros, meu gato, minhas galinhas. Que a festa é tanto, meu burro rinha, olha a festa, o gato me chamando pra me dar comida.

Entrev: como a senhora...pra terminar assim, o que a senhora acha da comunidade, antes e depois? Dessa questão de ser chamado de Barroso, como a senhora disse ser quilombola?

Delza: assim, a pessoa tem mais conhecimento, né. E nos projetos a gente sente que tem mais recurso, né.

Entrev: melhorou?

Delza: um pouco...

Entrev: e a estrada?

Delza: a gente fica assim, tem tempo que tá melhor, tem tempo, agora mesmo ela tá bastante ruim, por causa da chuva.

Entrev: sempre foi assim?

Delza: ela fica tempo melhor, tempo mais ruim, quando é época de trovoada fica assim, cheia de buraco.

Entrev: se aqui a senhora....a última agora: se aqui era conhecido como Varjão, o termo Barroso, vem da onde, tem explicação?

Delza: só tem um lugarzinho do lado que chama Barroso, que era lá...

Entrev. Aqui dentro do território mesmo?

Delza: é.

Entrev: tá bom, gostaria de agradecer a senhora, desculpe incomoda-la.

Delza: desculpe muitas coisas que eu não soube explicar

SR. DOMINGOS

Sr. Domingos- agricultor, aposentado, tem 70 anos de idade. É uma das lideranças da comunidade, que conta sua história de vida paralela às mudanças nos padrões de vida das pessoas que viviam e ainda sobrevivem do sustento da terra. Seu depoimento mostra as nuances da exploração do trabalhador e a persistência em lutar por melhores condições de vida.

Entrev :Então hoje são 12 de ...sic (Dezembro) de Janeiro

Domingos: Janeiro...

Entrev: a Janeiro de 2019 e nós estamos aqui com o seu Domingos que é um dos participantes da associação...

Domingos: da associação do Barroso...

Entrev: então seu Domingos, Há quanto tempo senhor mora na comunidade do Barroso?

Domingos: menina, nas minhas contas há 18 anos, 18 anos vai fazer.

Entrev: e o que levou o senhor a morar lá?

Domingos: não... porque o que me levou a morar lá, porque no lugar que eu morava era de herança. E aí depois, nós dois tem uma área para mim mesmo, né. Ai tinha uma rocinha lá nesse lugar que era de Márcio Queiroz naquela época, aí vendeu uma fazenda e o que eu peguei que meu pedacinho pai tinha deixado vendi e comprei aquela área ali.

Entev. onde tá o Barroso...

Domingos: onde tá o Barroso, hoje aí minha mulher eu fiz um barraco para trabalhar, minha mulher não quis ficar no Lameiro, viemos para cá. Já frequentava na igreja ali né, do Divino Espírito Santo. E aí nós continuamos ali depois nós formamos uma associação, graças a Deus nós estamos até hoje ...não temos que dizer de uns aos outros ali, né para mim não tem outro canto melhor, só a dificuldade da gente ali é um problema de água porque formar, aí fez um projeto de água aquela água veio com problema estava paralisado. Depois nós se reuniu, pra comprar uma bomba d'água bomba sapo.

Entev: somente só essa dificuldade em morar ali?

Domingos: segundo a estrada, não tá muito boa, né cheia de buraco, as vezes quando cai uma pessoa doente pra sair é uma faculdade danada. As vezes a gente tem o carro, mas a estrada ruim demais o cara não tem como mas outra coisa graças a Deus.

Entev: o senhor veio então da comunidade vizinha? o senhor já já interagiu antes no passado iam para as festas em comum ali?

Domingos: ia, mas logo no início ainda não existia esse negócio de comunidade, de associação não tinha, por sinal não nem conhecia. Depois que a gente começou viajar pra um lugar chamada Pimenteira foi o primeiro lugar da nossa região que foi fundada uma comunidade foi aí o coordenador da Pimenteira foi quem saiu espalhando essa semente.

Entev: quem era?

Domingos: é um senhor que se chama Antônio Ursulino, filho de Armelino Branco, inclusive é até meu cumpadre ele, né. E aí formou uma no Lameiro primeiro já (inaudível) e ia para cá para missa, as vezes reunião de “povos” de fora que chegava aí marcava o dia e no dia todo mundo daquela região, ia tudo lá pra casa, pra assistir aquela palestra, continua assim, depois do Barroso também achou que era de acordo, ele vieram, colocou aquela semente ali, que tem até ter hoje ali no Barroso era comunidade comunidade, associação e comunidade ali.

Entev: e qual era o objetivo da Associação, logo quando foi formada?

Domingos: rapaz, essa coisa foi formado “divido” a um movimento que tem naquela casa de farinha, você foi lá, foi feita aquela associação ali, mas depois eu teve umas lideranças ali, o chefe mais antigo dali de dentro achou que formasse uma, que nosso grupo era melhor, né foi Seu Antônio então, eu acho que tu conhece também, foi ele que trouxe a ideia para a gente, né. Pra gente formar uma associação, porque a gente era outra pessoa que não era aqueles, quando a gente veio, esses povo do do INCRA perguntando quem era dos quilombos, perguntando quem aceitava, que não aceitava, eu sei que naquela região todo mundo aceitou e começou por isso aí, daí que foi que criou aquela associação da gente dos quilombos, já é diferente da outra que não é, de qual região é aquela casa de farinha ele não aceitou isso não é medo

Entev: para o senhor o que é ser quilombola do Barroso?

Domingos: para mim é uma coisa muito bom, de qualquer maneira, foi a lembrar daquele tempo antigo, dos nossos povo, dos avos, bisavós, de escravidão, aí foi quando eles teve a libertação deles, daquele daquele movimento dos, dos cativos chamava os negro. E aí, depois que eles foram libertados, então acabou aquilo que foi modificando a nação né, de qualquer maneira, cada passagem a nação vai modificando. Foi que teve esse movimento perguntar quem é que aceitou ser se considerava como negro, uns aceitava, outros não aceitava, aí o que aceitou ficou, quem não aceitou saiu, aí nesse momento foi falado quem não aceitar, ficar de fora de fora, não pode mais. Ai foi quando teve a demarcação ali,

demarcação aí passou, quem aceitou os quilombos tirou a medição pelo INCRA. R hoje graças a Deus nós estamos ali tranquilo.

Entev: O senhor sabe quanto é a área total do Barroso?

Domingos: não, não sei não. Mas, não é grande não.

Entev: como é que a sua conta a história daquela comunidade do Barroso?

Domingos: como é que eu conto?

Entev: é, Qual é a história da comunidade do Barroso da onde é que vem o nome?

Domingos: rapaz, o nome veio dos povo mais antigo, foi passando para nós, né como era o movimento...antigamente mesmo as coisas ali era escuro. Naquele tempo, ninguém não tinha conhecimento de nada, andava pela conversa dos grandes, você sabe que naquele tempo, os pequenos era cativo dos fazendeiros e depois que “pareceu” aquela vassoura de bruxa. Foi que Deus abençoou, os pobres pensava que ia tudo morrer de fome, e agora os fazendeiros se acabando, a vassoura de bruxa comendo o cacauero e todo mundo morreu de fome. Mas, foi uma coisa que Deus marcou tudo e abriu os caminhos para o pobre. Que hoje tá tudo todo mundo libertado dívido aquela vassoura de bruxa. Os fazendeiros sumiu, foi embora, e os pobres, começou foi aprender a trabalhar para comer do copo próprio suor deles.

Entev: era difícil a vida?

Domingos: a vida era difícil, bastante difícil...

Entev: com os cacauicultores?

Domingos: era, eu me casei mesmo, eu sou sofri como o que, eu não tinha moradia, eu não tinha que sobreviver, ne. O que é que a gente fazia, trabalhava, mas não via dinheiro, vai trabalhar um pouco do da comida, quando você já fazer uma conta com empregado e você tá devendo tanto, mas eu não estou devendo isso. Tá, olha aqui aí você já dá outro duro para pagar aquela conta. Pra continuar ali. E aí passava o tempo todo, e você não vinha na cidade, não. Naquele tempo você não tinha carro, chuva muito, você pra sair de lá, naquele Barroso saia cinco da manhã, pra chegar em Camamu cinco da tarde. “Vez” com alguma coisa nas costas, ou no lombo de algum burruzinho...era... eu criei foi 7 filhos, eu dei foi pau, hoje em dia que eu tenho um lugarzinho Lameiro... quando eu vi aqui eu tava demais, E e minha mulher ajeitei um lugarzinho dentro para a gente morar vai mulher também é muito doida rejeitava nada né fazendo dos outros vai fazer um rancho no meio da mata.

Entev: com dona Maria?

Domingos: sim, com essa daí, para ir trabalhar plantando verdura, quando saia pra trabalhar fora, deixava ela de dentro do rancho. Foi tanto que Deus abençoou que eu conseguir fazer uma casa (inaudível), criei nossos filhos, depois dos filhos criados, cada um procurou seu caminho, foi pra um canto pra outro. Vou fazer 50 anos com essa mulher aí, sofria pra danar, viu, (risos)naquele tempo eu bebia cachaça.

Entev: não bebe mais não?

Domingos: Não, graças a Deus, eu já tinha uns 30 anos que eu abandonei, e nós estamos vivendo até hoje, hoje nós temos nosso pedacinho de terra, nosso pedacinho de cacau, hoje nós temos nossa casinha melhor que não faz vergonha ninguém entrar, mas oh... pra alcançar isso aí, sofri muito, sofri muito.

Entev: Como era a sua Juventude?

Domingos: minha juventude, eu era muito festeiro.

Entev: e as festas ali?

Domingos: as festas era boa, naquela época as festas era boa, hoje em dia que as festas não presta, antigamente as festas era boa era violão, sanfona, pandeiro, tamborim essas coisas.

Entev: na zona rural mesmo?

Domingos: na zona rural mesmo, na casa dos vizinhos, no São João é um dos meus aquele mais forte vai ser aquela festa e convidavam a gente pra dançar, beber, comer a vontade. Mas, hoje não tem mais isso, aonde que eu digo, em tempos atrás tinha coisa que era melhor do que hoje. Até na união, né era outra. Mas hoje não é mais como era antigamente.

Entev: e a sua infância... vamos voltar mais...

Domingos: (risos)

Entev: seus pais eram de qual região ali?

Domingos: menina, meus pais era do norte, ai vieram pequenininho pra essa região, ai meus pais buscar pequeno o meu pai foi criado por um fazendeiro e minha mãe foi criado por um pai de criação, depois minha mãe foi criado por um cidadão que era do lado de Gandu, depois ela voltou a dona não se encontrar ali no meio e meu pai ficou continuou sendo da minha família foi criado, por sinal meu pai morreu nessa mesma fazenda, aonde nasceu e se criou naquela fazenda...

Entev: no Varjão?

Domingos: no varjão.

Entev: e o senhor se criou aonde?

Domingos: eu me criei em um lugar chamado fazenda São Paulo, do filho de Marcio Queiroz também. Quando eu sair dessa fazenda, eu já tava com 04 filhos nas costas já. Sai com 26 anos de idade dessa fazenda, aí eu saí fui fazenda vizinha de Chico Sol, depois não deu certo para mim, foi eu passo aí para esse lugar que estou hoje. No Lameiro, que eu tenho uma rocinha lá.

Entev: o senhor tem a roça no Lameiro e também no Barroso...

Domingos: também aquele inclusive, você não sei (inaudível),

Entev: não fui no Lameiro não.

Domingo: ali tem uma história ali, feita por mim, que você foi... Feita por mim aí os prefeito de Camamu, deu em cima dele pra abrir uma, Eles dizia que não, falei com um vizinho meu pra botar abrir uma escola ali, e a mulher dele foi a professora. Ele não quis mais porque que fazer muita bagunça dentro da casa dele, ai eu, tenho meus filho, depois vem neto, é. E aí sim vai estudar aonde? eu vou na prefeitura, naquele tempo, não sei se você conhece uma mulher que chama Zezé, eu acho que é a mãe da prefeita. Na cozinha, falei com ela. “Seu Domingo o senhor tem menino para abrir uma sala de aula naquele lugar? Eu tenho muito mais! Eu quero a prova! Se o senhor trazer uma nota de 25 crianças, sua sala será aprovada. Eu não sabia ler, não era bem andando, naquele tempo não saia de casa, bicho do mato não sabia o que era sair. Cheguei em casa disse: Maria vamos trabalhar pra abrir uma sala de aula aqui. “Como menino?” você vai ver. Eu fui lá em Camamu fazer, a uma mulher disse que se eu aparecer com uma nota de 25 crianças eu era vitorioso. Deus abençoe.

Quando foi no outro dia peguei um papel, uma caneta velha, joguei dentro do saco e me mandei. Aqui em Camamu, com 35 crianças, aqui a notinha, já foi acompanhada com outra pessoa, um cabra que tinha se interessado a vereador e se interessou me ajudar, né. Aí o rapaz: faça o possível para esse rapaz...aí ela disse: já tá aprovado. Já tá aprovado se ele disser que tem uma professora para ir para esse local, porque aqui na cidade ninguém vai lá. Eu disse: dona Zezé, quando eu vim pra aqui já deixei uma pessoa certo lá para ensinar de lá. Dê as ordens e uma que eu vou lá entrego para menina vim representar foi, Maria Lúcia, ai foi falei com Manoel Luís, Mas acertou tudo direitinho, tá até hoje lá, Uma sala assim aberta de lá, vinha e molhava os alunos, acho que foi uns dois anos nesse sofrimento. Quando foi um dia, passou uns cabra lá e viu esse sofrimento, chegou em Camamu disse Zequinha da Mata: “lá tem um rapaz que é muito interesseiro,

mas para inteligente, ele abriu uma sala de aula lá e não tem recurso, mas ele tem vontade ver os meninos estudando, o que é que nós vamos fazer com aquele rapaz? Ele disse: vá e pergunte a ele se ele aceita uma reunião comigo lá na casa dele. Veio de lá, “quero sim”, quando foi no final de semana o homem chegou lá, ele disse: vamos chegou desenho de pau, tudo molhado “pronto Seu Domingos, vou mostrar por senhor, olhe esse rapaz disse que é você estava aqui para sala de aula mas não tem risco de fechar, né. Não, não tem condição de fechar, batedor de biscól, como que tem condições, como vai fazer uma coisa melhor, aqui tinha muita criança aqui à toa. “Então, tá certo. Eu vou lhe dar todos os material vou lhe dar um pedreiro, e o resto você se vira, “tá bom! Se reuniu os pais das crianças aí, mesmo vai movimentar o negócio. No outro dia eu mando um carro com os material... “Não dá certo não você vai mandar de hoje a quinze limpar o local, ajeitar os pessoal aí, para gente combinar, quando o material chegar, tem um lugar certo. ““Eu quero que você me amostre”, E pronto, subir lá em cima mostrar o local, aqui que é uma boa ideia. Mas, você sabe que aqui tem que ter 50 braço foi “cem braço” quadrado. Eu disse:” vai ser o que for! eu quero eu quero saber que as crianças esteja estudando e com bom apoio, é isso que eu quero. Eu não tô olhando porque terra quando eu morrer, eu não vou levar. Disse: Tá bom, quando foi uns 15 dias chegaram, (inaudível) de bloco, de cimento, (inaudível), sair de lá, tá lá, é o mesmo. Maria é a mesma professora de lá. Agora os povo do Lameiro formou uma associação e vive lá nessa sala, tá lá e eu tô cá, né, muitos não sabe quem é o dono. De quem é a terra, quem foi que levou, não. Os prefeito entra e sai e não sabe quem é o dono.

Entev: de quem é a terra que tá a escola?

Domingos: minha. Mostrei, o engenheiro com um aparelho, mediu tudo. Peguei o título, tá na minha mão. E tá lá, ninguém nem sabe...

Entev: o senhor estudou aonde?

Domingos: oh minha santa, nunca estudei não.

Entev. :Como conseguiu escrever e ler?

Domingos: é outra história que a senhora não vai nem acreditar, eu para assinar meu nome, eu pegava um colega meu de trabalho, as vezes sabe estudar, né. Falava: fulano faz ai meu nome. Eu pegava ia para casa de noite, me batia até da noite, ia olhando, no outro dia de manhã “ei fulano, no outro dia de manhã, olha aqui pra mim, tá certo?” ele dizia: você aqui perdeu três, tem dois (risos), as vezes acertava três nomes, não acertava nenhum, eu fui continuando. Ai o que é que fazia? Chegava naqueles papel, de venda, de conta eu ia lá pegava o papel e botava no bolso, chegava em casa, olhava e fazendo... eu batia, batia, batia, chegava no outro dia: tá certo? Tá, quem lhe ensinou? Ninguém, mentira estava fazendo porque eu topei lá no lixo alguma coisa eu faço e assino meu nome malmente vai assim né agora, lê minha senhora, não me mande que eu não sei de nada.

Entev: e na hora de receber os salários quando trabalhava?

Menina não tá vendo eu te contar o caso, não tinha salário não, o salário era o pirão. Que naquela época que a gente trabalhava, o empregado tinha a venda. Quando é o final de semana a gente ia comprar na feirinha, ia embora, quando ia fazer as contas, não tinha dinheiro, “não você não tem salário não, você me passou dever.”

Entev: e isso era normal aqui mesmo?

Domingos: lá era.

Entev: naquela região?

Domingos: todas ali. Trabalhava era assim, direto, não tinha. Tanto uma vez, a gente tava na roça aí o dono da fazenda, o gerente deles, mandaram chamar (...) (inaudível) mas o que era para cortar o o nosso trabalho, despachar, mas só que a gente velho na fazenda, tudo matuto, não sabia de nada, analfabeto, quando os grandes falava alguma coisa, pensava que era verdade. Pegou a gente levou pra Camamu, foi pagar os tempos, dizendo

que era um uma gratificação tava dando para gente, pra os filhos, comprar roupa de natal, era final de ano, todo mundo entrou. Quando foi na hora de pagar o meu, ele não, eu não aceito não. Você me dá tanto, eu faço meus garranchos aqui, senhor me dá um recibo para mim, se o senhor me dar o recibo eu aceito, foi ai que ele me deu naquele tempo, era o que? 4 mil e pouco... (inaudível), ele pegou aquele dia ele me deu peguei um em cima dos outros, ele enrolou e não pegou né quando foi com trinta dias, ele começou a despachar o povo, sem direito a nada. Eu disse: tá vendo que eu te falei, o cara queria enrolar a gente, vocês não quis pegar o recibo o que vocês têm para provar? Nada, mas o meu tá aqui. Ai fiquei...depois ficou de marcação comigo, fiquei um ano, trabalhei lá quando foi no final do ano me levaram de novo, quando foi na hora de pegar o dinheiro, eu digo: não, eu sei que vocês estão querendo me despachar, eu quero o meu certo. Pela conversa seu... o cara do sindicato. É seu fulano, Eu tenho tanto... trabalho nessa fazenda... Qual é o meu direito? Ai ele olhou para a cara do cara e “troceu” aí quando encontrava...o senhor parece que tá comprando meu amigo, não quer da os direito da gente, mas eu vou ali e digo ao senhor nesse instante. Vortei e cheguei lá com um rapaz e disse: seu direito aqui é tanto, quer uma notinha? Voltei, E aí o senhor já pensou, eu disse: não. (Inaudível), dois contos e quinhentos... ver quando é esse pedaço de papel aqui e qual é o meu direito. Vem cá, você foi buscar isso aonde? Não sei, eu sei que eu tô com esse papel aqui, meu direito é esse. Lutaram, lutaram lutaram e aceitaram, e o os outros minha senhora, foi tudo na enrola. Peguei meu dinheiro, comprei umas telhas que nós morava em casa de palha, molhava tudo lá, quando a mulher viu eu cheguei com os Eternit pra fazer a casa. (Inaudível) eu saí de lá, fui morar naquele lugar que eu tô hoje e mais nunca fui pra fazendeiro. Ai fui plantar mandioca, plantar seriado, pra Camamu vender (inaudível) até que já chegou a se aposentar agora, Agora minha mulher caiu doente, fazer o que? Acabou a alegria, porque ela que é meu pé de boi, eu não gosto de feira, ela que fazia esse movimento de feira, né hoje em dia ela tá doente, “tombem na idade”. A vida não foi fácil pra mim não. Graças a Deus, somos aposentado, né qualquer maneira já melhorou um pouquinho para a gente né Eu todo “escanchavado” de coluna, de tanto carregar peso, nós estamos vivendo hoje de cacau e da aposentadoria e acabou.

Entev: o Sr. também também planta...tem uma casa de farinha, é?

Domingos: tenho.

Entev: o Sr. planta mandioca?

Domingos: eu não gostava de adular muito, a gente tava sem farinha, “Sr. Dar pra dizer farinha hoje?” “Não dar, tem tantos tarefeiros, só dar pra outra semana.” Emprestar farinha... não dá, não tem não. Você voltava puro. Eu disse olha eu vou fazer um rala coco nem que seja de palha. Mas, meu velho como é que tu vai fazer uma casa de farinha e os trem para comprar? Deus, dá um jeito. Fui comprar uns pé de pau, fui na casa de um vizinho, ele tava ei, Domingos, eu ouvi dizer que vai fazer uma casa de farinha? Vou. Se quiser eu te vendo. O dinheiro que eu não tenho. Tu leva, depois tu me paga. Aí eu peguei o bolinete e trouxe pra cá. Aí depois tinha um cara que tinha acabado uma casa de farinha e tinha uma roda, tava no lixo, se tu quiser eu te dou. Mulher disse: Mas, Domingos, tu é doido, tu vai acabar nosso menino... vai morrer, tu já tá fraco como vai puxar rodigio? Tá certo. Mas, mulher já comprou os trem, tá certo, depois nós compra o motor. Tá lá, um dia apareceu um motor (inaudível) Domingo eu vim aqui lhe vender um motor que eu tô com filho na cadeia, já veio uma intimação para mim fazer o filho, o que eu tenho pra vender é esse motor, eu disse: cadê o dinheiro, o que eu tinha era 05 arrobas de cacau se você quiser no motor, “tá feito”, você vai buscar as 05 arrobas de cacau e eu vou pegar o motor agora, trouxe o motor, levei pra casa de farinha, Deus abençoou, levou do Lameiro pra o Barroso. Hoje é meus filhos, meus netos, meus vizinhos, o que precisar,

“Domingos! vai lá, vai lá né. Faz a farinha deles, bota no saco e vai embora, né, deixando uns dois litrinhos pra mim, acabou.

Entev: só tem a do senhor ali?

Domingos: não, tem aquela da associação do Varjão.

Entev: além do Senhor tem outra ali?

Domingos: não, não tem.

Entev: e aquela do Varjão funciona, naquelas terras do Barroso?

Domingos: Eu mesmo não faço farinha ali não.

Entev: mas, é acessível aos outros moradores aquela dali do Varjão?

Domingos: alguns, a maioria dos farinheiros é mesmo do Varjão, Outeiro, Bolacha.

Entev: e vocês podem fazer?

Domingos: pode, mas a gente não gosta, que você bota na água fria vira escaldado, na água quente é pior, tem gente que não se dá com aquela farinha não,

Entev: e o senhor gosta de farinha?

Domingos: gosto, semana passada eu fiz trouxe pra aqui, (risos), quando vim agora trouxe outra lata de novo, não fico sem farinha.

Entev: a farinha a farinha é bem comum na região?

Domingos: é,

Entev: lá no Lameiro tem casa de farinha?

Domingos: tem, no Lameiro mesmo não, pra cá do Lameiro, no lugar chamado Barragem, que tem uma comadre minha que tem uma casa de farinha no outro lugar lameiro de baixo tem um rapaz que chegou agora tem uma casa de farinha, ali naquele lugar tem 04 casa de farinha, motorizada só aquela do Barroso, as outras manual.

Entev: Eu gostaria de agradecer ao senhor pela disponibilidade da fala falando sobre sua história de vida.

IVANILDO PEREIRA

Ivanildo Pereira- professor da escola da comunidade do Barroso, tem 42 anos de idade. Seu relato traz as dificuldades de acesso à educação formal em sua própria trajetória individual e sua busca para adquirir meios de melhorar seu desempenho profissional para ajudar as crianças da comunidade.

(...) Parte 1 da entrevista: Ivanildo dos Santos Pereira

Entev: então, hoje são 22 de novembro de 2018 e nós estamos aqui com o senhor Ivanildo que é professor da comunidade quilombola do Barroso. Boa tarde professor!

IV: Boa tarde meu nome é Ivanildo dos Santos Pereira, tenho 42 anos é. Nasci aqui na comunidade e estudei travessão, né...em 94 fiz o concurso, né e passei e é.. depois de estar trabalhando porque eu estudei e terminei meus estudos e me formei em Magistério.

Entev: então há quanto tempo exerce o Ofício de professor?

IV: 23 anos.

Entev: o Sr. trabalha desde o início da carreira de professor nessa Unidade Escolar?

IV: isso! primeiro eu comecei e que não tinha um prédio escolar aqui na comunidade eu ensinava na igreja né. A igreja e... seis anos depois é.... a prefeitura alugou um espaço,

aqui na frente, na fazenda de seu Andreia ali, e assim quatro anos depois a prefeitura comprou esse prédio e que eu passei, né para aqui.

Entrev: E como era a estrutura assim, logo a prefeitura fez, fez a estrutura na época ela veio como escola ou vocês tinham algo mais a desejar ou não tinham?

IV: a igreja era era de tábua por questão é que o proprietário aqui dessa terra que hoje é esse prédio escolar quando Milton era prefeito de Camamu, a dona dessa terra desse local ela ensinava né ela ela era contratada pela prefeitura só que né fizeram o prefeito mandou material e não construiu o prédio aí assim que o material chegou se aposentou né quando é que tal e saiu da comunidade foi morar em Camamu como a comunidade não tinha professor e também não tinha espaço doou a igreja. Muitos anos depois pelo conhecimento né se formou a associação e a associação já começou a buscar junto à Prefeitura Municipal porque a igreja não era um espaço ideal para, é manter os alunos aí o que aconteceu? eles alugaram um espaço, de casa, de morada encontrava por aí eles alugaram espaço, aí no decorrer do tempo a comunidade em parceria com a Prefeitura em parceria não! Pedidos, é como aí esse prédio aqui já era de propriedade do dono, né eles terminaram de fazer tal e disseram que era dele. aí o que aconteceu? isso pegaram venderam para prefeitura. Isso foi em 2002, a prefeitura comprou e aí, né desmanchou algumas paredes do espaço, fizeram. Eu comecei a trabalhar e aí ao longo do tempo eles estão fazendo: aí veio, não tinha banheiro, né não tinha cozinha, era um espaço aberto aí atrás né que se cozinhar no fogão de lenha. Sempre a comunidade que é presente aqui na escola que é um parceiro né olha aqui é um parceiro o que que acontece pedindo né reuniões e mais reuniões aí fizeram banheiro, depois a cozinha, depois dividiu essa essa parede aqui para fazer essa biblioteca que foi no sentido de ter o Mais Educação na na eh para poder ter duas salas dividiram aqui. Depois não teve o Mais Educação, né que só ficou só trabalhando só dois turnos vespertino e matutino, aí só precisava de uma sala foi aonde criou essa sala aqui para biblioteca.

Entrev: como é a organização do trabalho pedagógico na escola? como é que se dá o ritmo do ensino-planejamento?

IV: olha o planejamento, como a escola nucleada faz parte do núcleo Travessão né sempre é planejamento igual a todas as escolas, seja quilombola ou não. Ai cabe eu como sou professor da comunidade e aqui minha esposa e tem um grande conhecimento nessa área E aí a gente juntava, mas não tava no caso para não porque tenha coordenação quilombola aqui junto com a Coordenação Geral eles né aí é que tá se reunindo e passando as habilidades da educação quilombola, a gente faz o planejamento junto, mas ,porém quem muda né algumas coisas, algumas questão para trabalhar a realidade é o professor.

ENTREV: quantas crianças são atendidas...quantas crianças a escola atende?

IV: hoje nesse ano 2018 atende 32 nos dois turnos.

Entrev: de manhã são quantas crianças?

IV: 17 e a tarde 14....13....deixa eu ver ... 32..... 30, porque dois foi evadidos.

Entrev: há evasão na escola?

IV: esse ano teve.

Entrev: qual o motivo?

IV: o motivo foi uma da mãe mora aqui na comunidade viajou, né foi para Salvador e achou que não vinha mais e aí ficou lá alguns meses quando voltou já agora nesse mês de novembro inteiro não mandou mais o menino para escola, porque achou que tinha passado outro o pai a mãe não teve aqui para dar satisfação né matriculou veio e tal só que não mora na comunidade vizinha, né.

Entrev: então elas são todas moradoras da comunidade?

IV: não, desses 30 eu tenho oito alunos que mora na comunidade vizinha.

Entrev: qual é?

IV: da Bolacha.

Entrev: Há uma mudança nos planejamentos pedagógicos na escola a partir das diretrizes curriculares quilombola?

IV: a mudança existe porque a gente trabalhar os conteúdos e não inserir, né as habilidades quilombolas, ela fica... a gente vai trabalhar, a realidade que não é nossa. E a gente inserindo essa questão aí ...é quilombola a gente vai trabalhar mais a nossa realidade. É uma questão assim de empoderamento que a gente dá os alunos por quê a partir das pesquisas que eles fazem com os pais e avós, o trabalho que a gente vem fazendo em relação a arte, a a música e as brincadeiras de roda aquela coisa vai tendo como uma certeza que a história não vai apagar, né porque é quando a gente não trabalha essa questão, a gente está esquecendo os antepassados. E aí é com os livros didáticos que vem se a gente for trabalhar com os livros didáticos, a gente não trabalha a nossa realidade. Trabalha a realidade de outras comunidades que a gente nem, nunca viu falar.

ENTREV: A Questão da comunidade: há uma relação entre as histórias dos mais velhos com o que... os assuntos, com os temas na sala de aula, na sua sala de aula?

IV: não entendi.

Entrev: há uma relação (você falou a questão da comunidade), há uma relação entre as histórias dos mais velhos da comunidade com os conteúdos, os temas das aulas?

IV: há.

Entrev: há um aproveitamento?

IV: há sim, em questão, assim: a gente vai trabalhar produção textual que aí o que é que a gente pede? para perguntar história para o avô, a mãe ou avó e através aquela história contada pelos avós, eles escrevem e ali a gente tá trabalhando produção de texto e também revivendo a história contada por eles. Inclusive, no ano de 2017 a gente fizemos um livro, é das histórias já contada por eles esse livro está registrado tá aí é resultado não tá ali, que as pessoas olhem e ver quem foi que pesquisou, tem alguns erros ortográfico? Sim, mas é uma coisa que foi o primeiro e que no segundo já vai até melhor e também foi a gente, escola e comunidade não teve aquela parceria de coordenação, de secretaria pra poder melhorar né, ai ficou tipo assim “nossa realidade”.

Entrev: você falou que que houve uma mudança na parte das novas diretrizes, mas essa mudanças, como eram como eram feitos os planejamentos antes?

IV: o planejamento antes era feito, né... todo mês, né mensal e era feito no núcleo com essa mudança que teve na diretrizes que, né é mais coisa para ser trabalhada e a gente precisa se reunir mais, ai passou ser quinzenal, é

Entrev: há deslocamento seu ou da coordenação para algum lugar?

IV: meu, professor. Daqui para Travessão, fazer esse planejamento, que eu nunca apoiei vou porque tenho que ir, porque a gente trabalha e e tem que ir atender o chamado. E não fica bom, ou seja quando a gente chega aqui tem que estar mudando e todo dia tem que estar aquele que a gente trouxe lá e quando aqui, né, dá aula de noite vai ter que sentar para inserir algumas coisa, é. trazer para realidade. Porque é a realidade das outras escolas tem uma diferença no que diz é porque é melhor, nem pior. Porque pra muita gente acha que ser quilombola e acha que é uma coisa assim centrada, é só meu e ele não faz parte. Aí acha que é difícil né, essa questão de professor que é evangélico e acha que o quilombo, falar em Quilombo é falar em candomblé. Essa resistência que não é muito falado, principalmente a diretora e coordenadora ela não tava muito agora que ela começou aquele que Leila sempre tá mandando tá ligando tá entrando em contato e aí é que ela está passando Camamu manda para mim, mas aquela explicação mesmo. É Eu digo, assim a coisa que ainda só flui porque da presidente da associação, sempre tá junto Como é que se diz a nossa realidade Por que parte de coordenação ainda a gente não tá 100%

Entrev: Qual é a sua... Qual é a ...sua quais as suas maiores assim cobranças, a relação entre a escola e a secretaria?

IV: que a gente precisa é de que apoio pra se empoderar e material né é porque não digo nem material que às vezes o material a gente em que cria ,renova algumas coisas ,ajudar e decidir explicar a gente a gente trabalha, por exemplo, como eu sou sozinho, coisa que a gente vai trabalhar que poderia inserir se na hora dá um branco trabalhar aquilo mesmo e a gente tentando ,fica tentando ,tentando incluir , englobar outras coisas e sempre parecendo que tem pessoas que possa dar uma luz aquela E aí vem não assim desse jeito não é melhor. E aí daqui a pouco clareia tudo e a gente então esse apoio que eu tô falando isso é porque a gente não tem né porque por exemplo aqui a gente fizemos trabalhamos um projeto e onde esse projeto com toda responsabilidade e a presidente da associação, pesquisando, indo, lutando para poder apresentar e da coordenadora o que gente tem? às vezes, só a presença. E assim, As vezes Vem, quando vem voando pra pegar assinatura, lá vai e tal não senta pra ver o que é que trabalhando que a gente vai trabalhar nessa matéria na matéria português gente pode fazer para aí as vezes a gente tá ali com as habilidades, as habilidades fica até a hora que dá um branco né que você é professora você sabe que tem hora que a gente para trabalhar matéria e principalmente eu que trabalho multisseriado, né, O multisseriado a gente tem que fazer um plano para atender todas as séries ,né. E aí é aonde eu tenho essa dificuldade, porque por exemplo se eu trabalhar só com quinto ano, não! que vem você sabe que habilidade para se trabalhar com série desenvolvida e essa série que não estão desenvolvidas. A gente temos que ter ajuda de alguém não é isso que eu reclamo que eu reclamo não...

Entrev: qual o material didático que você utiliza?

IV: o material de didático que eu utilizo aqui é cartolina, papel ofício, lápis de cores é... livros.

Entrev: os livros eles são usualmente lidos, usados ou só esporadicamente que serve para o planejamento?

IV: é usado, os alunos , a gente usa bastante ,porém mudando não, fugindo de alguns conteúdos poder trazer a realidade nossa, que nem todo conteúdo que está no livro didático, que a escola recebe, tem que pular, deixar de trabalhar, por questão de idade série, né que tem situação que a gente não pode trabalhar porque os alunos de idade diferente com conhecimento diferente aí é obrigado a gente dar aquele pulinho e correr pra uma realidade que é nossa , então, é por isso que a gente tem que estar planejando todos os dias. Chega aqui tá dando aula quando é de noite vai ter que sentar para poder ver o que é que vai fazer amanhã, né, porque de manhã: eu trabalho com infantil e 1º ano e de tarde: terceiro, quarto e quinto ano.

Entrev: bom, as perguntas terminaram eu gostaria e agradecer sua disponibilidade de tá falando sobre isso sua vida, né sua vida profissional e vamos ver essa pesquisa para ver se consegue ajudar você e me ajudar também a refletir sobre a educação no município.

IV: eu que te agradeço, te digo que as portas para você qualquer hora é aqui também participar e também me ajudar na aula e também é muito importante para você ver a nossa dificuldade com a realidade das escolas ,principalmente hoje nesses últimos anos aumentou em questão as habilidades dos alunos aqui, graças a Deus que a comunidade conseguiu ,né juntar comunidade escola ,né a comunidade está presente em tudo, é uma reunião para presente tão presente, eles estão aí para dar, Então pessoal que aqui eu não tenho como reclamar parceria da comunidade com a escola, se acontece qualquer problema na escola até na parte física o pessoal, vem colar, ajuda era a escola não espera nada de prefeitura , o pessoal pra isso é bom agora você a gente tem nossa dificuldade porque você pega uma sala de multisseriado, né ainda bem que tem pouco aluno, mas com mesmo com pouco aluno a gente sente dificuldade.

(...) Parte 2 da entrevista: Ivanildo dos Santos Pereira

Entev: Então hoje são 3 de janeiro de de 2019 nós estamos aqui com seu Ivanildo que é um dos moradores e lideranças da comunidade do Barroso. Bom dia senhor Ivanildo.

Ivanildo: bom dia professora.

Entev: Há quanto tempo o senhor mora na comunidade do Barroso?

Ivanildo: olhe, eu moro aqui, na verdade, eu nasci aqui, né e tô com 43 anos, não sair da região principalmente o meu trabalho é aqui, não nunca tive, nem tenho vontade de sair.

Entev: como foi sua vida aqui, começa pela infância, Quais são as suas lembranças da sua juventude?

Ivanildo: na minha infância é... eu quero te dizer que não foi ruim, porque naquele... a gente quando nasceu enfrentando certa dificuldade na nossa infância, a gente já tá naquele hábito, costume e com esperança de dias melhores e, no decorrer do tempo sabe que é... esses dias melhores sempre tem a vir. Quando eu nasci, que meus pais, a gente veio pra aqui e aí é sempre a luta foi essa, trabalhar para o sustento e passando dificuldade em outras coisas, por exemplo como vestimenta, a gente não tinha aquela aquela aquele prazer de ter um...o que desejar uma bicicleta, um celular, uma roupa daquelas que a gente né sempre, e ai a gente, minha infância foi brincar com os amigos, estudar né andava quilômetros de mais quilômetros para estudar...

Entev: onde era a escola?

Ivanildo: era na fazenda Yallon, então, fica mais ou menos 5 km daqui, né. E aí a gente andava todo dia ia para escola quando eu cheguei no quinto ano é passei várias dificuldades também porque tive que ir para Travessão. E aí ficava na casa de parente a gente ficava uma semana na outra, não dava certo, voltava enfim, foi aquela aquela luta para poder concluir o primeiro ano e não consegui, por motivo de lonjura, né da cidade e também de condições para se manter na cidade. E aí né Graças a Deus, né meu trabalho, fiz o concurso, não era formado, desse trabalho eu consegui, estudar e me informa, depois já de 22 anos.

Entev: formou, se formou em quê em que curso?

Ivanildo: Pedagogia, na verdade, na época não era pedagogia, era magistério.

Entev: depois veio o casamento...

Ivanildo: meu casamento É verdade assim quando eu comecei a trabalhar casou logo, né e ai a gente fomos construindo juntos. Hoje, agradeço por tá aqui nessa comunidade, fazendo parte né da minha família me ajudou muito, é construir aquele que até até hoje né a gente tem que trabalhar juntos para construir aquilo que a gente deseja.

Entev: mas sua infância foi toda... aqui o senhor sabe falar de quais são as raízes culturais marcantes da Comunidade?

Ivanildo: marcantes da Comunidade, assim humana ou...

Entev: festas e tradições né tradicionais festa tradicionais aqui na nossa comunidade é o padroeiro, né, tradição né, rezas tem pessoas né tem família aqui que gosta muito de rezar né pra Bom Jesus da Lapa e outros e outros né. Aqui é bem pouco festa juninas, também uma tradição pessoal como contribui para organizar uma festa e nem uns 4 anos atrás começou a também 18 anos atrás começou também passou a ser tradição o 20 de novembro, né que é o dia da consciência negra apresentado pelo samba de roda que a Associação a comunidade representa.

Entev: e o samba de roda é um traço de vocês festas antigas de vocês?

Ivanildo: na verdade é passou a ser cultural há alguns anos atrás né uns 8 a 10 anos atrás porque teve pessoas como Ana, né que deu prosseguimento aí porque era era uma tradição mas, as pessoas não passaram que já morreram e ai o neto, os filhos dessas pessoas não

deu continuidade ou vergonha, uma vez por achar que não ia saber e não ia né conseguir, né Depois que foi criado a associação junto com as ONGS começou a ver os traços da comunidade e percebeu que na comunidade tem esses traços. E aí foi então que associação ...a comunidade pegou essa base pra pode lembrar do passado né porque já tava esquecido.

Entev: como é viver na comunidade do Barroso?

Ivanildo: eu acho bom, na verdade o ruim daqui é locomoção né porque quando a gente tem época de chuva fica difícil a gente meter como morrer como a gente já nasceu nessa dificuldade para a gente que mora aqui, às vezes não acho nem tão ruim mas, as pessoas que moram fora para vir aqui difícil porque na verdade a gente ,eu gosto de morar aqui que trabalhar , de viver, só que os governantes esquece que nós somos, né como dizer, esquece que a gente somos gente, né esquece de fazer um pouquinho daquele montes que gastam principalmente fez as estradas, para a gente é tudo. Por que outra coisa a gente não depende, né isso? Então mas eu amo eu gosto muito de morar aqui também é uma região que não é tão longe da cidade, tem regiões aí tem muito mais longe, né e mais e tem o acesso mais dificultoso, todo até o momento eu não tenho que reclamar.

Entev: então, seria o acesso à comunidade uma das dificuldades tem outras dificuldades de morar aqui?

Ivanildo: não, aqui é uma comunidade, de uma região pacífica onde as pessoas se comove com as outras pessoas quando existe problema, quando existe logo pacificado por todos, eu acho que a maior dificuldade daqui é a estrada vicinais, sim.

Entev: Qual é a história da comunidade do Barroso?

Ivanildo: a história da comunidade do Barroso ...

Entev: como é que o senhor conta...

Ivanildo: bom, eu não sei na verdade Então tá você que existe história, né eu passei a conhecer porque eu sou, eu sou assim não ligava muito, a história daqui, depois conheci através de pesquisa de estudos só que depois que a gente criou associação Associação que eu fui passar a conhecer um pouco da história onde ,né aqui na região traços de escravidão ,né que tem represa ainda feito por escravos e o pessoal encontrou ,eu não fui ,mas muito vizinho meu que foi ver né tanque batido de barro, mercado de farinha, roda d'água ,então essas histórias que eu não me aprofundei, né que foi contada por seu Antônio, que é um dos historiador daqui da comunidade aquele sabe contar claramente, porque eu mesmo não eu...eu consigo entender agora repassar tudo tá tá eu não não consigo. Não adianta que tá aqui sem ter conhecimento profundo.

Entev: e como é repassado essas essas histórias para os filhos de vocês agora?

Ivanildo: na verdade essas histórias a gente tem que repassar contando, né criação de livros. Na escola a gente trabalha muito, por exemplo, os pais... filho perguntar, fazer entrevista com os pais em relação a história...

Entev: e eles conseguiu trazer?

Ivanildo: conseguiu... aí o 2017 fez até tem um livro, né tá lá na escola contando né da história que os pais é contou para ele, então a gente consegue isso fazendo um trabalho de pesquisa através da escola. Em casa a gente ouvindo dando entender né e descobrir, por exemplo a gente mora aqui eu moro aqui, mas eu vim conhecer e saber que a nossa comunidade teve traços de escravos, depois que eu me casei. Eu não sabia.

Entev: os seus pais não contaram?

Ivanildo: não, e também na verdade nunca se importou, né, sabia das coisas, por exemplo das roças que foi feito por escravos. Ainda hoje tem roça aí que tem muito café plantado né não era esse, né que era café nas roças a gente ia trabalhar quando ela pede café grandão lá tudo carregado perdendo, ai que ninguém... quem foi que plantou? quem foi que estava

lá alguém que plantou e a gente nunca ligou, na verdade, veio se aprofundar agora, agora não, há uns 10 anos para cá, né.

Entev: falando em comunidade ainda... para o senhor o que é ser quilombola do Barroso?

Ivanildo: ser quilombola do Barroso, pra mim é uma honra, né. Saber, faço parte desse desse grupo que é uma... representa a nossa cor, né a nossa, a nossa história e que foi e na verdade ainda é...esquecido por muitos, né eu me sinto muito orgulhoso e não tenho vergonha de dizer que eu faço parte de um quilombo.

Entev: Eu gostaria de agradecer novamente a entrevista disponibilizada pela pelas palavras e falar sobre si nesse para essa pesquisa.

Ivanildo: eu que te agradeço estou aqui à disposição conversar espero que na próxima, eu eu posso falar mais um pouquinho né Às vezes a gente não sei se foi suficiente para você ou depois que passa a conversa né Depois que você vai embora que a gente lembrar no momento a gente fica um pouquinho coisas que a gente falho, né Eu agradeço a você e estou aqui a disposição.

DONA MARIA DAS GRAÇAS

Dona Maria das Graças- parteira, aposentada, tem 66 anos de idade. Seu depoimento revela a importância desses ofícios antigos para as comunidades tradicionais e o quanto eles merecem ser identificados como relevantes para a vida dessas pessoas.

Entev: Hoje são 12 de Dezembro de 2018, nós estamos aqui na comunidade do Barroso com a senhora Maria...

Maria: Maria das Graças, apelidada por Leite...

Entev: que nos concedeu a disponibilidade para essa entrevista. Boa tarde, quer dizer...Bom dia né (risos)

Maria: Bom dia (risos)

Entev: há quanto tempo a senhora mora na comunidade do Barroso?

Maria: já tem uns...20 anos.

Entev: a Sra. nasceu aonde?

Maria: eu nasci do outro lado daqui, ne, me criei aqui embaixo. Depois fui para o Lameiro, tem um lugarzinho no Lameiro, depois do Lameiro aí depois vim parar aqui.

Entev. E o Lameiro é próximo aqui?

Maria: é, que o Lameiro é vizinho do Barroso.

Entev: então a Sra. nasceu no Lameiro?

Maria: não, eu nasci do outro lado do Lameiro. Aí depois eu vim (inaudível) em vim pra aqui. Aí eu tô com uns 20 anos aqui

Entev: Seus pais são da onde?

Maria: meus pais são daqui mesmo, era sambista...

Entev: do Barroso?

Maria: por aqui tudo era sambista.

Entev: e sua mãe?

Maria: minha mãe era Parteira...

Entev: Parteira?

Maria: aí eu também fui parteira, né.

Entev. Olha parteira...

Maria: fui parteira, fui não! Eu ainda pego ainda, né. Se eu topar aí eu... meus filhos já tão tudo criado...

Entrev: a Sra. tem quantos filhos?

Maria: tive 12, criei 8, tenho neto, tenho bisneto.

Entrev: e quatro?

Maria: é...eu tenho 8 vivos, 4 homens e 4 mulheres.

Entrev: e desses 12, 4 faleceram?

Maria: foi.

Entrev: como é viver na comunidade do Barroso?

Maria: ah, aqui é bom, tão gostoso morar aqui, a gente não se preocupa aqui, não se preocupa, tudo despreocupado aqui, graças a Deus. Ninguém briga, Cai uma pessoa doente, todo mundo vai visitar, e aí tudo bem, caí doente mesmo essa casa aqui enchia de gente. E agora tô aqui, tava naquela casa de lá, construí essa daqui, passei pra aqui já tem dois anos, meu pai morreu com 104 anos meu pai também faleceu, meu pai esfaleceu nessa casa. Meu padraсто faleceu lá embaixo e minha mãe faleceu aqui, meu pai verdadeiro, minha mãe verdadeira e me pai de criação, né aí quando ele esfaleceu eu tava junto com eles, minha mãe mais meu pai e aí tô aqui né.

Entrev: como é ser Parteira?

Maria: eu aprendi pegar menino com a Pastoral da Criança (risos) eu mais Ana Celsa. Trabalhou toda vida na Pastoral da Criança né aí comecei a pegar menino, comecei a trabalhar na Pastoral da Criança comecei pegar menino, e aí uma parteira. Maria Lucia que eu peguei um, aquela Amanda, fui eu que peguei e um da irmã dela. Eu acho que tenho umas 60 comadre por aqui por esse meio (risos)

Entrev: não só do Barroso?

Maria: não, do Lameiro eu pegava menino direto lá no Lameiro. Eu já vivia com a sacola arrumada e minha santinha dentro da sacola, aí chegava, me chamava pegar menino aí tá matava umbigo, fazia remédio, rezava o Pai Nosso. Botava ele lá de fora de manhã. Oferecia ele para o tempo. Nunca mulher me deu trabalho. Não. Toda vez que ia pegar um menino para chegar lá eu já tava nascendo não demorava, muito era... E aí vim para aqui, quando cheguei aqui não peguei mais menino. Trabalhei com o pastoral da criança. Eu só peguei quatro meninos quando cheguei aqui

Entrev: nessa casa?

Maria: não, eu morava lá embaixo ainda.

Entrev: lá embaixo que a senhora fala?

Maria: é, ali.

Entrev:quais as dificuldades que a senhora encontra em morar na comunidade?

Maria: a dificuldade que eu acho aqui é a água, né. Sou aposentada é...

Entrev: a Sra. tem quantos anos?

Maria: tenho 66 anos, vou fazer 67 anos.

Entrev: Não parece não, parece ser mais nova.

Maria: ai, ai, ai eu mais ele nós somos todos dois de uma idade só. Eu nasci em junho e ele nasceu no dia 31 de.... setembro, eu sou de junho e ele de setembro.

Entrev: Como a Sra. é daqui da região...Quais são as raízes culturais da Comunidade do Barroso?

Maria: A raiz cultural é daqui samba, é como é... nós samba muito. Sambava né, porque agora minha perna não deixa mais. Eu fui para uma feira em Camamu, estavam sambando lá e eu saí de lá é tempo de chorar, estava quase chorando por causa do samba e outras coisas de raiz daqui é um Cacau, cravo.

Entrev: e tradições culturais, além do Samba, a senhora ver outras tradições outras outros festejos, outros costumes?

Maria: é para o São João Hoje tem festa aqui.

Entrev: tem a festa do padroeiro...

Maria: um ..rum a festa do padroeiro daqui é no final do ano.

Entrev: o que mais comove a senhora, que a Sra. sente saudade quando lembra na comunidade?

Maria: eu lembro dos meu vizinho, eu lembro como é... eu lembro um bocado de coisa daqui.

Entrev: como a senhora conta a história da comunidade do Barroso?

Maria: a história que eu tenho que contar daqui é .. a gente já caminhou muito para as outras comunidades.

Interrupção...externa: Oi

Entrev: a gente tava falando da história da Comunidade como é a história da Comunidade de acordo com seu ponto de vista?

Maria: a gente já andou muito para as comunidades é...já sambemos muito, já andou muito, (repetiu) olhe minha cabeça não lembra mais de nada, minha cabeça tem uma manchinha desse lado...as coisas fogem do meu juízo.

Entrev: Como era a infância da senhora aqui? A Sra. lembra?

Maria: lembro, a metade eu lembro, né que foi assim: a gente morava lá no Lameiro, de lá viemos para aqui, plantemos tudo aqui e...lá no Lameiro...

Entrev: brincava?

Maria: a gente brincava de roda, brincava de Candomblé, brincava de samba. Meu pai ele tinha um santo, era São Benedito, quando era no mês de agosto a gente sair com aquele Santo, a gente saía, mas São Benedito, ele era uma bandeira, de pano, assim.. quando era no mês de janeiro saía com ele...era deixa eu ver...deixa eu lembrar...saía com ele e chegava... era São Roque parece...

Entrev: e na juventude gostava de Sambar lá?

Maria: eu era muito dançarina já gostava de uma festa, eu dançava muito e quando esse homem me topou, me topou assim... dançava muito...é...

Entrev: a senhora casou cedo?

Maria: casei com 15 anos, eu já estou com...vou fazer 50 anos mais ele. Minha Caçula ,tô com uma neta de 15 anos.

Entrev: casou cedo, ainda bem, né tantos anos de casamento.

Maria: vou fazer 50 anos ...

Entrev:como uma comunidade quilombola o que é ser quilombola do Barros?

Maria: quilombola...

Entrev: como a senhora passa para os seus filhos e netos o que aprendeu com seus pais?

Maria: eu passo o que eu aprendi, né. Quando eu fui criada, nascida e criada com os meus pais. Meu pai nunca me deu uma surra, minha mãe me batia, meu pai não, não fui criada com elegeu sou filha de mãe solteira (inaudível), mas meu pai não me batia não, quando ele adoeceu lá em, que ele tinha roça aqui, aí a roça dele, ele pegou vendeu tudo e foi pra Ubatã, de lá de Ubatã, ele mandou um recado para mim: “que ele tava preso pra um leão comer”, ai eu fui soltar ele, vou buscar ele, fiquei com ele dentro de casa até quando ele esfaleceu, aí... Meu pai era rezador, agora só eu não aprendi a rezar não, não entrava na minha cabeça, eu gostava de tudo, eu tinha meus santos aí. Todo ano eu mandava rezar. Eu,...sempre mandava rezar, só que agora parei. Mas, meu santo está aí ainda.

Entrev: e seu Ofício de parteira, passou para suas filhas?

Maria:ah, ela falou assim que não liga para nada, aí eu... não me importei... ninguém importa pra nada, você sabe que essa juventude de hoje não quer nada. Aí tanto faz tá ensinando, como não .

Entrev:e quem ensinou a senhora?

Maria: é porque minha avó era Parteira, minha mãe era Parteira, minha bisavô era Parteira...

Entrev: aí ensinaram ou a senhora foi vendo?

Maria: eu fui vendo, aí, Mas como eu... pari um bocado de fio, aí eu ficava observando a Parteira fazendo remédio para mim, aí...aquilo eu aprendi.

Entrev: e tem mais alguém aqui na comunidade que faz parto, além da senhora?

Maria: não, daqui só é eu, as parteiras velhas aqui tudo morreu. Aquela Nininha Zenaide, comadre Jovelina. De primeiro tinha um bocado de parteira foi foi morrendo, morrendo, morrendo, morreu tudo, essas parteiras ainda pegou meus filhos ainda. Eu pari tudo em casa: tive dois gêmeos, tive 11 horas do dia e o outro 11 horas da noite dentro de casa. Quando eu subir (inaudível) aí eu peguei uma santa que eu tinha. Ainda tenho ela aí na minha cama, aí último que nasceu também era todos os dois empilicados, todos dois trouxe sua capa. O último a parteira rasgou a empírica com a unha e nasceu.

Entrev:os gêmeos ainda são vivos?

Maria: tem um, o outro morreu com 5 meses. Só tem Damião. E aquele damiãozinho machucou, viu! e eu tenho amizade a ele, ele que me carrega para tudo quanto é canto aqui o “damiãozinho”.

Entrev:e os outros quatro filhos faleceram com quantos anos a Sra. lembra?

Maria: lembro, um esfaleceu com cinco meses, o irmão de Damião. O outro com 1 ano e 5 meses, o outro com 1 ano e o outro foi com uma perca.

Entrev:foi o que?

Maria: uma perca, perdi...

Entrev: ah, sim...perdeu na barriga.

Maria: já ganhei, mortinho. Era pequenininho assim... devolveu no... Eu fui para a roça e aí quando chegou lá me deu aquela dor, já fui para roça com dor, quando chegou na roça foi aí que ganhei, lá na roça mesmo... ficou por lá.

Entrev: a questão da saúde sempre como é que era a questão da saúde, Saúde pública para vocês terem acesso?

Maria: a saúde toda vida foi assim mesmo. A gente toma muito remédio caseiro cai doente é... teve três rezador para mim rezar é...

Entrev: agora né é recentemente?

Maria: é. E aí eu sei que tô aqui né.

Entrev: Ainda tem rezadores próximos aqui?

Maria: tem, dois é daqui: Caraveia e... Como é o nome do outro? Nelson, e o outro é de Camamu.

Entrev: os seus filhos moram aqui na comunidade?

Maria: mora 3 aqui, 3 em São Paulo e uma tá na Barra.

Entrev: eles nasceram aqui. E como era essa questão de escola?

Maria: Sempre eu digo ao povo, eu tinha 7 meninas na escola e graças a Deus nunca me deu trabalho na escola não. Estudaram com Tita, estudaram com Maria Lucia, estudaram lá no Orojó. E terminaram de estudar aqui no Barroso. A caçula e a da beira da caçula e Damião e...estudou muito Damião, com 5 anos em diante ele começou a estudar. E nenhum se formou não. Quando tava perto de se formar, caia fora.

Entrev: por que?

Maria: quem sabe. Agora tô com uma netinha, netona, né que ela tava estudando...a dificuldade que a gente tinha daqui era de carro, né porque nesses caminhão aí não são de confiança não. É um Balaio de Gato esses caminhões aí. Aí peguei minha neta foi para São Paulo, levei ela, tirei da escola, ficou estudando mais a tia.

Entrev: tem quantos anos ela?

Maria: 15.

Entrev: bom eu gostaria de agradecer a senhora pela pela conversa, né por ter me avisado falar sobre a senhora e a comunidade e me desculpa qualquer coisa.

Maria: a Sra. que tem que desculpar que tem coisa aqui que eu já esqueci, tô com a memória ruim.

Entrev: a memória a gente esquece mesmo. Qualquer pessoa esquece.

Maria: não, porque depois desse AVC lá em São Paulo, que eu vou falar aí eu repetia o que os outros falava. Fiquei assim, semana passada fui no neuro, aí ele veio e abriu veio uma manchinha aqui do lado esse lado aqui.

Entrev: gostaria de desejar saúde para senhora fique estável bem para poder ensinar aos seus com mais sabedoria.

Maria: Com certeza.

ROSALINA CORREIA

Rosalina Correia- agricultora, aposentada, tem 83 anos de idade, com depoimento breve. Ela mostra as lutas na família e na comunidade para o reconhecimento como quilombola. Além de contar como foi a vida do seu irmão Daniel Docílio, cujo nome é ligado à Casa de Memória comunitária.

Rosalina: ele é... tantã da cueca também, meio tantã ...Eu fiz negócio... Ele, ele tinha pasto ali tem aquele pasto ali né ,eu cheguei disse assim... Eu vou... minha mãe morreu deixou o testamento, né eu... ficava essa casa daqui, essa não, a outra, passou para minha irmã e ele, passou... roça de cacau, ficou para mim e para ele, para a outra irmã, que já morreu.

Entrev: Eram quantos irmãos?

Rosalina: eram 3 irmãs..., mas duas já morreram. Eram 04 irmãs e 01 irmão. Aí ele chegou e eu disse assim: Daniel você quer me dá esse pedacinho de terra aqui e eu lhe dou de lá, mas ele era tantã, mas a palavra dele era um tiro “é isso é isso ele não pensava duas vezes”, a palavra dele era ... não senhora. Como as pessoas são diferentes, parentes diferentes, ai assunte, eu cheguei fiz negócio mais ele, eu fiquei com aquele pasto ali e ele ficou com a minha parte de lá, foi mesmo que passar a escritura e foi tudo certo. Quando acontece que ele morre, que ele morreu, aí ficou... (quem veio essa aqui não foi essa não, foi outra, não foi essa não, foi outra) aí cheguei...(inaudível), ai ele ficou com a parte e ele ficou com a minha). Quando eu medir o governo, de hoje eu pelevava para medir esse terreno, de hoje, foi Deus que me ajudou e eu conseguir, (inaudível) mas, já estava medido, tudo certo, e ficou cada um faz sua parte, quando meu...esse menino, meu irmão morreu, mas, já tinha feito negócio, tava tudo certo, ai assunte, o que acontece, ele... meu irmão, eu cheguei passei... depois que a gente mede só pode desmembrar pedaço daquela terra depois de 05 anos, então, Antônio pertencia a uma outra associação do Barroso, eu disse “ você não entre na associação”, “entrou”, assunte como era aquele povo, naquele tempo era tão ignorante, ia dar aquela terra, não era ali, não fazia aquela associação lá no Machado, ai os parentes da outra... maluca, ficou “ fulana você é doida, sua terra é pouca você vai dar” porque lá tinha água, bastante de tanque essa coisas, ai disse assim: “o governo vai tomar tua terra, tu vai ficar com o que fulana”, aí chegou não deu mais, na hora, não era aquela terra que eu ia dar, era um pedaço do lado, era um pedacinho de terra estreito, mas era cumprido, aí não quiseram, quando, na hora que vinha a casa de farinha, não tinha terra, ninguém queria dar, quando foi, faltando 15 dias, na época era Ana que trabalhava aí no EBDA, você dar a terra ou vai pra outro canoa que

vieram aqui, “ah porque você dar a terra ainda? A proposta... Tá de pé e não está, porque não tem homem pra derrubar no machado, não tem um para derrubar ainda como cortar e queimar para botar em 15 dias, não tem não. Assunte bem como eu quero fazer o bem ali e eles, meus parentes mesmo, Aí assunte, eu disse assim: Se vocês quiser eu dou aquele pasto, recua o arame e faz a cerca do tamanho que vocês precisar pra fazer da casa de farinha, aí recuaram ficou aqui pra eles passar o documento, nunca vieram aqui “porque tá devendo a receita não sei o quê para a gente pagar, bem, essas associações eles fazem, não legaliza não liga para nada, fiquei quieta, depois de cinco anos que eu tinha medido a terra, eu fui desmembrei, fui mais Antônio desmembramos, porque eu sou casado com Antônio no...em comunhão de bens, não sou separado de bem, o que é meu é dele, o que é dele é meu, aí assunte, eu fui mais ele e passamos um pedaço da terra para associação do Barroso, aí o que fizeram? Foram dar queixa de mim, um advogado deu queixa de mim, que eles tinham usucapião, aquela associação é quilombola, a associação quilombola não tem usucapião, passa de um pra outro, de um pra outro, quem vai morrendo, vai herdando, não tem usucapião, aí eles foram, “É usucapião”, quando eu cheguei lá, eles disseram, eu comecei a conversar, um sobrinho meu: “doutora ela tá mentindo.” Falta de respeito sua, vc.. além de ser sua tia, a idade dela, você ainda tá dizendo que ela tá mentindo”. Se eu não tava mentindo, no estatuto dos quilombolas, Ana tá ali, amanhã caso ela saia, eu sou dona, todos participam. Aí eu disse: eu não vou dar a terra, a terra que dei, tire o tanto que vocês precisarem pra fazer a casa de farinha e chegue a cerca pra trás, e eu tava mentindo? Que a dele foi primeiro que a minha, a nossa, E venha cá como é que eu sou dona do que é meu e não tenho... “ ah porque isso aqui é espólio do meu avô”, “ menino olha, quando ele nasceu, esse cara, meu sobrinho, meu pai tinha morrido, meu pai morreu no ano 57, morreu moderno, de infarto, ele era cardíaco, eu sou cardíaca, minha mãe também, aí o que aconteceu...acontece que minha mãe fez logo o inventário, quando esse cara nasceu, já meu pai tinha morrido, já a mãe dele tava com a parte dele, mas, o pai dele que era genro da minha mãe, nunca respeitou o direito meu, nunca, nunca, nunca. O sujeito me infernizava dos pés à cabeça. Eu chegava me dava morrer de tanta raiva, se eu sofresse do coração naquele tempo tinha morrido. Porque de ver a ideia do rapaz, porque minha senhora...minha mãe teve 05 filhos, mas, cada partiu pra cada um ter seu pedaço, quer dizer os outros que morava longe ele não podia ir lá, eu que morava de junto dele, ele me perseguia direto, morreu ficou o filho a mesma coisa. Quando eu vi, ele tava querendo desmanchar a cerca, tomar apulso, essa associação daqui, eu passei pra o de cá, perguntou a ele: doutor...” esqueci o nome dele”, por que eu não passei logo... “porque doutor, o terreno a gente só pode desmembrar um pedaço daquela terra, depois de cinco anos, eu esperei completar os 05 anos pra poder desmembrar, passar pra associação quilombola. E por que esse cara? Ele não tem documento nenhum assinado por mim, por que ele chegou primeiro, tem usucapião da minha terra, da minha terra, como é rapaz? “Ah, porque tem que fazer inventário.”, ele ainda foi dizer ainda, que eu tinha feito negócio com meu irmão, que era dono daquilo ali de boca, não passei documento nenhum, nem... eu disse: olha o meu irmão pegou a minha parte e doou pra uma pessoa que não é nada dele, nem meu. Meu irmão para fazer o funeral dele, para trazer ele, para enterrar, passou tudo pra ele, eu nunca assinei nada, agora você vai lá e tome, você tá dizendo que eu fiz negócio de boca, mas meu irmão era ... mas, se ele dissesse é tanto e tanto pronto não voltava atrás era uma pessoa de palavra mesmo, isso ele puxou a meu pai, ai assunte... quando eu tava pronta, ai ele ficou nessa questão, os outros que tem lá. A moça que veio de Salvador, veio pra expulsar eles de lá, e chocho, e temendo represália, vamos fazer assim: nós vamos prometer dar outra casa de farinha de lá, dar pronta e ai eles saem daqui. Mas, sabe esse negócio de governo como

é, passa de um pra outro, já tem uns cinco anos isso, e até hoje não deram conta de fazer essa casa de farinha.

Entrev. E ele mora onde esse sobrinho?

Rosalina: ele mora lá,

Entrev. Lá no Barroso?

Rosalina: sim, lá na parte dos pais dele, da minha irmã. É tudo pegado, a divisa era, meu pai tinha um sonho, os engenheiros iam lá, quem abriu aquilo ali era parente da minha vó, e abriu na roça mesmo. Botaram um nome lá, que minha roça tinha lá no fundo botaram o nome de “deus te vale”, por que “deus te vale?” porque naquele tempo, as onças, lugar que tinha água, ficava de tocaia, pra quando os tatus e pacas fosse beber água, “aí pacu!” eles comerem, né. Aí dizia assim: aqui só deus te vale, porque as onças vai te comer, que dizia era os homens, né. Mas, o homem, aquele povo tinha uma coragem só você vendo, e botou a terra, derrubou, e fez a casa, e fez lá na roça mesmo, na minha roça de cacau, e fez a outra parte que vai pra, aquele lugar que eu moro, daí atravessou para outro lado, daí atravessou para outro lado, dali ele foi embora, fez negócio com outra pessoa...

Entre. Quem?

Rosalina: o dito homem que abriu aquilo ali, chamado Domingos Pimenta, ele era primo da minha avô.

Entrev. Voltando... como era seu Daniel, ele morou sempre ali?

Rosalina: não, Daniel não morou ali não, Varjão tem muita água e tempo da enverdeira os animais ficavam dentro da agua, em cima de um lajedo, senão amolecia os cascos. Ai ele veio falar com mamãe pra dar um pedaço de terra pra ele, um pasto, mamãe: aqui não tem lugar, porque lá em casa é seco, pouca agua, só você comprando um pedaço de terra lá em seu Geraldo.” Seu Geraldo foi o filho do homem que comprou o lugar da minha irmã, o Barroso onde é, aquele lugar, onde Tita mora, por ali tudo, é tudo pertencente a ele. Essa parte de seu Geraldo. Então, lá tinha água, cá não tinha, mas se você quiser zelar pelo pasto, tudo dele era separado, eu não tinha animal naquele tempo, aí ele chegou não quis, ai comprou 04 tarefas de terra de seu Geraldo, o outro veio dizer que era 04 hectares, eu disse: olhe doutor, ele não sabe nem quanto mede, desde pequena eu trabalho com terra, medindo terra, comprando e fazendo, eu disse: olhe meu irmão comprou 04 tarefas de terras é 02 hectares e meia, dois pastos com 02 tarefas e meia, eu sei da madeira que tá lá eu sei , tem anos que sai de lá, mas eu sei porque é capoeira, mudururu branco com mudururu preto e pequi, e um ou outro, eles são tão dono da terra que veio dizer que são 04 hectares, são 04 tarefas, tarefa é uma coisa, hectare é outra. Tinha dois advogados lá, um que tava com ele assim, “eu fiquei encantado com sua sabedoria”, porque ele quer falar, quem mente, ele tem que falar o que tá certo. Porque eu doei um pedaço de terra para fazer a casa de farinha, eu doei a terra, eu doei o que era meu, as 04 tarefas de terra.

Entrev: Então ele foi morar no Varjão e veio morar no Barroso?

Rosalina: Não, ele não morava no Barroso, ele morava no Varjão mesmo. Ele vinha para o Barroso, somente isso, ele não plantou nada ali, era somente capim e o pasto, que ele fazia o pasto para soltar animal, então quando era no tempo ele passava por lá, vinha pra capinar o pasto e botar os animais no pasto e poder os animais não amolecer os cascos lá, né. Mas, depois deu pra roubar animal lá, roubaram os animais tudo. Ficou sem ter animal pra nada, carregando nas costas, ai ele chegou e não comprou mais animal, porque sabia que o povo ia roubar. Ai eu cheguei e falei: “Daniel você quer fazer um negócio comigo? Porque eu tinha animal, -inaudível- Você fica com a parte de minha roça e eu fico com o pasto, o pasto serve pra mim, pra você serve pra nada, tá gastando dinheiro, todo ano gasta com esse pasto. Ai ele chegou e disse pra mim: “Eu só faço se você pagar a outra parte da irmã”, eu disse: venha cá, e a minha parte? nesse tempo cacau produzia alguma

coisa, por muito pouco que der, ali só tinha um pé de tucum, nada, nada, nada e um pé de pimenta, aí eu disse assim: você quer que eu vá pagar a parte de minha irmã por causa desse pedaço de terra? “Eu não, eu fico com meu pasto aqui mesmo”. Ai, passou, passou, passou, ele não guentava mais trabalhar, a mulher dele tinha morrido, a mulher que morava com ele tinha morrido, ele tava sozinho, o povo abusava ele, ele abusava o povo, Ai ele chegou e veio: “aquele negócio que você falou comigo tá de pé?” Eu disse: tá como eu quero, se você quiser se você me de sua parte e eu te dá a minha, tudo sempre eu pagar (inaudível) aí não, isso aqui não vale, duas tarefas e meia de terra, sem nada, só o pasto, o pasto tudo cercado, tá certo. Aí eu disse assim, “se você quiser trocar a parte da minha na sua tudo bem”, “então, tá certo”. Ele veio, pegou os recibos que ele tinha lá, meu deu tudo, pra eu pagar, “eu não vou pagar não, porque era tudo junto, se era meu todo terreno ia pagar –inaudível- por que? Só porque de uma casa de taipa” ai Daniel ficou lá no meu pé’, pensando que eu tinha interesse naquela roça, eu nunca tive, desde pequena meu pai não gostava daquela roça e porque da água, era muita água, chovia não tinha lugar de soltar os animais, era boa mesmo muito cacau mesmo, mas era muita agua. A gente pra ir pra lá se atolava todo, pai não gostava mesmo, e eu também nunca gostei, ia eu disse assim pra ele: “eu nunca tive interesse, ele pensou que eu tinha interesse, “pior é meus filhos, eu não quero saber de roça, não quero saber de roça, ele chegou, aceitou, nós fizemos o negócio, ele aceitou. Ela disse: vou fazer um boneco de barro e botou o nome dele, era pra fazer ele tirar uma foto, mas acontece que ele morreu. Puxa pra ali, puxar pra aqui.

Entrev. Então, aquela casa que hoje é o museu, era uma casa que ele só ficava as vezes?

Rosalina: é, só vinha ali e passava e ficava assim.

Entrev. Pra tomar conta do pasto...

Rosalina: é, ele não morava ali não, morava no Varjão. Ali ele passava 15 dias, passava 03 semanas e ia embora.

Entrev. Ele era uma pessoa assim...como era ele?

Rosalina: ele era assim azoado. Ele quando era pequeno, ele estudava e tudo, mas, naquele tempo, o povo daqui ele deu uma febre e ficou assim, meio tonto do juízo, naquele tempo não tinha tratamento nenhum, eu sei que ele nunca se curou desse problema, foi sempre assim meio azoado, (inaudível) aí ele quando mamãe passou essa casa pra minha irmã, deu o testamento não disse nada a ele, aí ele, quando ele saiu daqui mamãe tava passando mal (inaudível), aí disse: quando morrer não mande me chamar não. “Ai mamãe disse: mande chamar”, eu disse: eu não. Fazia a gente passar vergonha, (inaudível) falava umas coisas sem nexô, (inaudível), falava umas coisas diferentes no meio, eita Jesus, ... tudo tomava parte...

Entrev: E ele casou?

Rosalina: nunca casou não.

Entev: nunca teve filhos?

Rosalina: não, nunca teve filhos. Ele sempre morava com mulher velha já, as mulheres já velha, nunca quis casar com ninguém, (inaudível), não tinha ninguém que ficasse com ele. Depois mulher velha que não tinha mais caminho, ficava com ele pra sustentar. Uma delas disse que quando ele morresse ia mostrar se ela tinha direito ou não tinha, eu calada: você tá dizendo isso... mamãe tava viva ainda, “se você quiser dá queixa dele, você vai dá queixa agora, não quando ele morrer, que você sabe quem morre primeiro?” “Não, quando ele morrer, ele vai ver.” “não! Quem tá morto vê nada rapaz.” (Inaudível) Ela mais velha que ele, ela tava pensando que ele primeiro que ela. Ela cozinava... nunca deixou de comer toucinho. Um quilo de toucinho pra ela, era dois de feijão, “se não tiver toucinho, eu não cozinho feijão.” “Eu digo: menina, você não pode mais comer toucinho. Quem fica de idade não pode mais comer esse tipo de gordura.” E ela “paco”. Aí deu

infarto. Ai ele chegou disse a filha de uma menina que ele criava, botaram ele no castigo dá uma mesada a essa menina, que era eles dois que criava.

Entev. Ele criou a menina?

Rosalina: não, mas, assunte bem, a mulher que morreu, ela era avô da menina, criava a menina, não era ele, morava tudo junto, mas não era ele. Ai quando ele morreu, ele botou na cabeça dele que ele tinha que dá pensão da menina, todo dia ele (inaudível) aí aconteceu que ele morreu e menina ficou sem casar, sem nada, a mãe da menina também, vieram logo em cima de mim, pensando ela que eu era herdeira dele, né. Ai eu disse assim: se você veio procurar herança na minha mão, pegou embaixo, sabe por que? Tem cinco anos que ele passou a roça dele pra Leôncio caminhoneiro...

Entev. Pra quem?

Rosalina: Leôncio caminhoneiro, um homem, ela chegou passada se você tiver, quem? Vá procurar resultado com ele, bem, se não tiver, não tenho nada a ver.

Entev. Porque ele passou as coisas dele pra um...

Rosalina: não, ele passou no cartório, foi pra o cartório mais o cara.

Entev. Por que passou pra ele?

Rosalina: tá, porque eu disse a ele: eu meu irmão, não quero nada seu. Quem achava que tem o que é seu, procure passar sua herança, porque eu não quero nada seu, (inaudível) nem eu, nem minha irmã tem interesse por aquele lugar. Ai ele pensou: que ia fazer inventário, que ia tomar casa, minha mãe deixou testamento. (Inaudível). Até tiro ele me prometeu. “Dou um tiro em sua boca.”

Entev. O homem que ele passou?

Rosalina: essa daqui oh, Daniel que eu tô falando, mamãe deixou o testamento pra quando ela morrer não ter mais conversa, quando ele chegou aqui, minha irmã tava aqui, tinha quinze dias que minha mãe tinha morrido, ai ele veio chamar log minha irmã pra ver o inventario, “não precisa, minha mãe deixou aqui pronto.” “Ah, ...” pegou o revolver duas vezes pra me atirar...

Entev. Foi..

Rosalina: ai Katiane nervosa: “mainha esse homem é doido, sai daí que ele vai atirar”, ai disse assim: foi por causa de mim que mãe tinha feito o testamento. Fez o testamento por causa dele, que sabia que ele fazia (inaudível) com ninguém. (Inaudível) Ai eu cheguei disse assim: “se você me atirar eu vou chamar a polícia ali agora.” (Inaudível) Ai ele ficou danado, que queria ficar com essa casa pra ele, por que? Se a casa minha irmã nunca proibiu dele morar, do jeito que minha mãe deixou a casa, ele ficou com a casa morando, ela nunca morou ali, morava no Copó, mas a filha dela lá, ela não pode morar sozinha, parece que tem 91, 92 anos, ela não pode mais morar só, ela faz umas coisinhas ainda tudo, costura direitinho, faz cada tapete lindo, mas ela não pode morar na casa só, ela só essa única filha, o resto tudo é homem, ai que chegou, tem uma menina que ela criou que é meia azoadada, ela criou a menina, mas é meio azoadada, aí chegou, ele aqui, queria porque queria desfazer o...eu disse: oh meu filho, minha mãe tava lúcida, quando ela passou esse testamento, ela tava lúcida, nesse tempo dona Isa ainda trabalhava, aí dona Isa mandou, o médico deu atestado médico, foi mandou deu atestado médico que ela tava lúcida assim, assim, assim, ela não tava caducando, ela fez , eu não terminei nada, “se puder tirar meu nome desse meu testamento, eu disse assim”, “não pode, mesmo que você não vá ver nada, que você é filha, mas não pode tirar seu nome.” Por isso que eu nunca fui lá, ele ficou com a roça lá, ele passou pra Leôncio caminhoneiro eu nunca me interessei, nunca disse nada a Leôncio. “Ah, ele passou essa roça pra mim, “perere”, o que eu faço com essa roça?”

Se você quiser ficar pra você, você fique, se você não quiser, você venda, fique com duas partes, que uma parte minha e a dele, e a outra você devolve pra minha irmã que era dona da roça também. E Leôncio, ele fez isso? ele deixou 15 arrobas de cacau na firma, levou a mulher de Leôncio lá só podia vender aquele cacau, só quem tivesse aquele CPF, tudo dele era certo. Um dinheiro, 1500 reais pra...colher não sei quantas mais arrobas de cacau, pra pagar a menina lá, ele deixou...Leôncio fez? Leôncio pegou o carro vendeu, pegou o dinheiro, foi gastar o dinheiro pra tirar os documentos e não pagou nada as meninas, minha irmã morreu e minha irmã nunca recebeu nada, a menina nunca recebeu nada. (Inaudível) tá vendo eu fazia isso? Se fosse eu, meu irmão era de palavra e eu também sou igual a ele, se fosse eu pegava o dinheiro que encontrou, as arrobas de cacau vendia e falava assim pra as meninas: “aqui oh o dinheiro que ele deixou pra vocês.” Quanto fosse, quanto não fosse, ele ficou com tudo, não fez nada que ele disse. Ai eu disse: tá vendo porque se ele fosse pagar com o dele, mas não. Se ele ficou com a roça, a roça pouco ou muito ainda dá, né. Um pouco de cacau, dar muita verdura lá, plantou abóbora, tirou três mil e tantas aboboras, ...

Entrev: lá no Barroso.

Rosalina: no Varjão.

Entrev. E aquela casa ali ficou escrito...ficou pra quem?

Rosalina: aquela casa ali é de Daniel mesmo, não era de herança não, a casa foi ele que fez, o terreno ele comprou. Não tem nada a ver com herança de meu pai.

Entrev. Essas confusões é da parte da herança?

Rosalina: da parte da herança... exatamente.

Entrev: quando ele faleceu aquela casa ficou para a associação?

Rosalina: não, assunto bem: quando ele faleceu a casa já era minha, não tem nada a ver com Daniel mais.

Entrev: a senhora tinha feito a troca?

Rosalina: tinha feito a troca, já tinha colhido o cacau, não tinha mais nada lá, ele passou a minha parte pra Leôncio, eu e ele, palavra de escritura, não precisou passar nada pra Leôncio, não precisou eu procurar... Leôncio veio procurar, se você quiser vender você faz, lá só tem meu nome no testamento. Eu fiz negócio com ele aqui, e eu ia procurar mais nada lá? Não. Eu sou assim. Agora o meu sobrinho que é igual ao pai dele, que veio procurar confusão, eu disse assim: olhe eu posso morrer hoje, você nunca será meu herdeiro. Eu tenho marido tenho filho, tenho neto, como é que você será meu herdeiro? Você não vai ser meu herdeiro. Porque se fosse uma terra assim, a terra de vocês é espólio, porque seu pai morreu não fez inventário, sua mãe morreu não fez inventário, a minha não, fez inventário, cada um na partilha, tem nada a ver, a parte de meu irmão era assim, era casquinha mesmo, mas, se ele lhe der alguma coisa, ele lhe deu mesmo, se ele passou, passou não tinha nada de diferente não.

Já contei a ela a história das cobras, (risos).

REFERENCIAS

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.